

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



**MÚSICA E IDEACÃO SUICIDA NA
ADOLESCÊNCIA**

Liliana Cardoso Ribeiro Pires

Nº11918

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

MÚSICA E IDEAÇÃO SUICIDA NA ADOLESCÊNCIA

Liliana Cardoso Ribeiro Pires

Dissertação orientada por Maria Gouveia Pereira

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Maria Gouveia Pereira, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº19673 / 2006 publicado em Diário da República 2ª Série de 26 de Setembro, 2006

Quero agradecer em primeiro lugar aos estudantes e respectivos professores que aceitaram colaborar neste estudo dispensando tempo das suas aulas. Agradeço especialmente à Dra. Celeste de Sousa, Dra. Maria Manuela Esperança e Dr. José Otílio Baía das respectivas escolas pela colaboração.

Agradeço à Professora Maria Gouveia Pereira a sua orientação na realização deste estudo.

Agradeço à Professora Regina Bispo e ao Tiago toda a ajuda no tratamento estatístico dos dados.

Agradeço a Ricardo Dias (FNAC) pela classificação dos grupos em estilos musicais.

Agradeço aos meus colegas, amigos do ISPA que me têm acompanhado ao longo desta caminhada académica, ajudando-me e acreditando que este estudo fosse tornado numa realidade. Obrigado a todos.

Quero agradecer a todas as pessoas que me apoiaram e colaboraram, fazendo-me acreditar que valia a pena seguir em frente com este tema. Um agradecimento especial ao Dr. Abílio Oliveira por toda a disponibilidade e apoio.

Agradeço a todas as pessoas que, particularmente este ano, me apoiaram, e me deram força para atingir o final deste percurso. Obrigado.

Ao Sérgio por ter estado sempre ao meu lado, nos melhores e nos piores momentos.

Por último, mas não menos importante, quero agradecer aos meus pais, o apoio, a dedicação, a oportunidade que me deram de criar objectivos e a ajuda para atingi-los. Sem eles, nunca teria finalizado esta etapa.

RESUMO

Este trabalho teve como objectivo geral averiguar a importância e a influência da música tendo em conta os gostos musicais dos adolescentes em termos dos cantores e grupos, e a sua relação com a ideação suicida na adolescência. Pretendeu-se comparar esta influência entre três distritos distintos (Lisboa, Santarém e Faro).

Trata-se de um estudo diferencial e comparativo. Procurou-se saber se existe influência e diferenças significativas entre as preferências musicais e a ideação suicida nos adolescentes dos três distritos.

Participaram neste estudo 195 adolescentes (86 rapazes e 109 raparigas), entre os 14 e 16 anos dos distritos de Lisboa (68), Santarém (61) e Faro (66).

Foram utilizados como instrumentos: um questionário desenvolvido por Borralho (2002), e o Questionário de Ideação Suicida (Q.I.S.) (Ferreira, & Castela, 1999).

Os resultados demonstram que a ideação varia no que respeita ao sexo e ao distrito onde residem não variando, contudo em função das preferências musicais dos adolescentes.

Palavras-chave: Música, Ideação Suicida, Adolescentes

ABSTRACT

The purpose of this study has been to assess the importance and influence of music in adolescents and establishing a parallel between their musical preferences in terms of singers and bands and adolescent mental conception of suicide. We proposed to compare this specific type of ascendancy in three distinct districts (Lisboa, Santarém and Faro).

We present a differential and comparative study. We intended to verify whether there is such a connection between adolescent musical preferences and mental conception of suicide in the three districts.

The study is based upon the participation of 195 adolescents (86 boys and 109 girls), aged between 14 and 16 years old, in Lisbon (68), Santarem (61) and Faro (66).

A questionnaire developed by Borralho (2002) and Questionário de Ideação Suicida (Q.I.S) (Ferreira, & Castela, 1999) were used as instruments to this study.

The results prove that the mental conception of suicide differ in terms of gender and district, but not in what musical preferences are concerned.

Key words: Music, Mental Concept of Suicide, Adolescents

ÍNDICE

Resumo

Introdução.....1

Enquadramento teórico

O suicídio.....5

Conceitos de: Suicídio.....5

Para-suicídio 6

Tentativas de suicídio7

Comportamentos auto-destrutivos8

Ideação suicida.....8

A Ideação suicida.....10

Suicídio e Ideação Suicida na Adolescência.....10

Adolescência.....13

Conceito de Adolescência.....13

Fases da Adolescência (tarefas de desenvolvimento).....14

O grupo de amigos e actividades de lazer.....15

Música na Adolescência.....18

Conceito de Música.....18

Importância da música na Adolescência20

Breve História da música contemporânea.....23

Efeitos da música nos Adolescentes.....24

Preferências musicais e Ideação Suicida25

Objectivos e Hipóteses.....28

Método.....	29
Participantes.....	29
Instrumentos.....	30
Procedimento.....	31
Resultados.....	34
Discussão.....	56
Bibliografia.....	62
Anexos.....	66
Anexo A: Questionário.....	67
Anexo B: Classificação dos músicos em estilos musicais (critério FNAC).....	75
Anexo C: Base de dados – Análise Inferencial.....	79

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição dos sujeitos por idade e sexo.....	29
Tabela 2: Distribuição dos sujeitos por distrito e sexo.....	29
Tabela 3: Cantores/grupos como 1ª preferência categorizados em estilos musicais numa amostra de 157 adolescentes.....	33
Tabela 4: Médias dos adolescentes nos efeitos principais das variáveis sexo e idade na pergunta 1: “Qual a importância da música para ti?”.....	35
Tabela 5: Médias dos adolescentes nos efeitos principais a nível da variável, distritos (Lisboa, Santarém e Faro) na pergunta 1: “Qual a importância da música para ti?”.....	35
Tabela 6: Frequência de respostas aos itens da pergunta 2: “Para mim a música é ...”.....	36
Tabela 7: Correlações entre os itens da pergunta 2 e a ideação suicida.....	37
Tabela 8: Frequência dos locais onde habitualmente os jovens ouvem música.....	39
Tabela 9: Médias dos adolescentes nos efeitos principais das variáveis, sexo e idade, nos itens da pergunta 5: “Em que medida consideras que a música influencia ...”.....	39
Tabela 10: Médias dos adolescentes nos efeitos principais de variável distintas (Lisboa, Santarém e Faro), nos itens perguntam 5: “Em que medida consideras que a música influencia ...”.....	41
Tabela 11: Frequência de respostas ao item:”Quando estás contente como te sentes depois de ouvir musica?”(Lisboa).....	44
Tabela 12: Frequência de respostas ao item:”Quando estás contente como te sentes depois de ouvir música?”(Santarém).....	48
Tabela 13: Frequência de respostas ao item:”Quando estás contente como te sentes depois de ouvir música?”(Faro).....	52
Tabela 14: Médias dos adolescentes nos efeitos principais a nível das variáveis sexo e idade na Ideação Suicida.....	54
Tabela 15: Médias dos adolescentes nos efeitos principais a nível da variável, estilos musicais (Pop-Rock; Punk; Rap / Hip-Hop; Portuguesa; Outros e Soul / Funk) na Ideação Suicida.....	54
Tabela 16: Médias dos adolescentes nos efeitos principais a nível da variável, distritos (Lisboa, Santarém e Faro) na Ideação Suicida.....	55

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Frequência com que os adolescentes dos 3 distritos decidem ouvir música.....	37
Gráfico 2: Frequência com que os adolescentes de ambos os sexos decidem ouvir música.....	38
Gráfico 3: Percentagem por distrito das horas por semana que os adolescentes dedicam a ouvir música.....	41
Gráfico 4: Percentagem com que ouvem este tipo de música quando estão tristes(Distrito de Lisboa).....	43
Gráfico 5: Frequência de como se sentem depois de ouvirem música quando estão tristes(Distrito de Lisboa).....	43
Gráfico 6: Percentagem com que ouvem este tipo de música quando estão contentes(Distrito de Lisboa).....	44
Gráfico 7: Percentagem de respostas ao item: “Já alguma vez pensaste em suicídio enquanto ouvias música?” (Distrito de Lisboa).....	45
Gráfico 8: Percentagem com que ouvem este tipo de música quando estão tristes(Distrito de Santarém).....	46
Gráfico 9: Frequência de como se sentem depois de ouvirem música quando estão tristes(Distrito de Santarém).....	47
Gráfico 10: Percentagem com que ouvem este tipo de música quando estão contentes (Distrito de Santarém).....	48
Gráfico 11: Percentagem de respostas ao item: “Já alguma vez pensaste em suicídio enquanto ouvias música?” (Distrito de Santarém).....	49
Gráfico 12: Percentagem com que ouvem este tipo de música quando estão tristes (Distrito de Faro).....	50
Gráfico 13: Frequência de como se sentem depois de ouvirem música quando estão tristes (Distrito de Faro).....	51
Gráfico 14: Percentagem com que ouvem este tipo de música quando estão contentes(Distrito de Faro).....	52
Gráfico 15: Percentagem de respostas ao item: “Já alguma vez pensaste em suicídio enquanto ouvias música?” (Distrito de Faro).....	53

LISTA DE ANEXOS

Anexo A: Questionário.....	67
Anexo B: Classificação dos músicos em estilos musicais (critério FNAC).....	75
Anexo C:	
Output 1: Existem diferenças significativas na perg.1 em função do sexo e idade?.....	80
Output 2: Existem diferenças significativas da perg.1 em função do distrito?	81
Output 3: Correlações entre a ideação suicida e os itens da pergunta 2.....	81
Output 4: Existem diferenças significativas da pergunta 5 em função do sexo e da idade?	82
Output 5: Existem diferenças significativas da pergunta 5 em função do distrito?	84
Output 6: Existem diferenças significativas da Ideação suicida em função do sexo e idade?	85
Output 7: Existem diferenças significativas da ideação suicida em função das preferências musicais?	85
Output 8: Existem diferenças significativas da ideação suicida em função do distrito?	86

INTRODUÇÃO

“A música é a organização das relações entre sonoridades simultâneas ou não, no decorrer do tempo. Sons (e silêncios) são combinados e encadeados entre si, formando ritmos, melodias e harmonias” (Stewart, 1987, cit. por Costa, 1989, pág. 61).

A música pode facilmente ser encarada como um meio em que o adolescente sonha, reflecte e comunica. Esta experiência pode ser vivida em momentos de diversão e felicidade como de tristeza ou angústia, em grupo ou isolado. A música pode ser influente no estado emocional, nos comportamentos e atitudes do adolescente, servindo algumas vezes como isolamento, fuga ou refúgio.

As preferências musicais dos adolescentes, as atitudes, comportamentos e ideias destes, podem variar consoante a sua cultura, religião, contexto, idade e sexo. Estes estilos musicais podem diferenciar pequenos grupos oferecendo-lhes modelos de identificação. O modo como se vestem, apresentam e comportam facilita o nosso reconhecimento destes jovens que se designam como rappers, metálicos, góticos ou punks (Oliveira, 2006).

Nos últimos anos tem-se discutido sobre os efeitos da música nos comportamentos dos adolescentes, principalmente aqueles que de alguma forma podem levar ao suicídio. Tem sido um tema algo polémico mas a investigação tem ido no caminho de identificação dos riscos e implementação de estratégias de intervenção (Scheel & Westefeld, 1999).

A música é um meio de comunicação que a sociedade contemporânea experimenta e usufrui todos os dias através dos média. Em consequência da exposição repetitiva feita pelos média, as reacções afectivas dos tipos de música podem facilmente interiorizar papéis tradicionais no indivíduo.

Qualquer investigação que envolva as preferências musicais dos adolescentes deve ter em conta que as conclusões obtidas são sempre restritas uma vez que, por um lado os estilos musicais não são fáceis de definir e tendem a esbater-se (Nunes, 1997) e, por outro, muitos dos gostos revelados pelos jovens são transitórios (Oliveira, 2004, 2008).

Embora muitas vezes se defenda que o suicídio está mais ligado a factores internos de cada indivíduo do que a efeitos relacionados directamente com a música, podemos ter em conta vários factores que possam influenciar o tipo de música que ouvem e a relação que esta possa ter com o suicídio na adolescência.

Alguns suicídios de adolescentes relacionados com certos gostos musicais demonstram o poder mais negativo da música e deixam-nos a pensar o “porquê”, a razão de acontecerem. Contudo, o poder da música tanto pode atrair coisas negativas como positivas. O ritmo, a intensidade e frequência dos estímulos podem induzir efeitos construtivos como destruturantes no ser humano.

Algumas pesquisas mostraram que 18% dos suicídios praticados na adolescência, entre outros actos de violência, devem ser devido á influência do rock’n’roll de um modo geral. Várias são as referências directas e indirectas no suicídio na maioria dos estilos musicais, em especial no rock. Alguns desses suicídios de adolescentes ficaram conhecidos ao longo dos anos.

Kurt Cobain, cantor e compositor da banda “Nirvana” cometeu o suicídio em 1994 após ter usado uma grande quantidade de heroína. Analisando algumas das duas letras (ex.” *I hate myself and want to die*”), pode observar-se uma relação directa com a morte. Logo após a morte de Kurt, muitos foram os casos de suicídio semelhantes aos dele, confirmando a influência directa das suas mensagens.

Em 1985, Raymond Belknop e James Vance de 18 anos depois de ouvirem “ *Beyond the Realms of Death*” (Judas Priest), suicidaram-se com tiros de espingarda num parque infantil próximo de uma igreja. Os pais tentaram mover uma acção contra a banda.

Em Outubro de 1984 um adolescente de 19 anos suicidou-se com um tiro na cabeça enquanto ouvia “*Suicide Solution*” de Ozzy Osbourne. Quando o corpo foi encontrado, este ainda estava com os fones nos ouvidos. Também um fã deste cantor de 14 anos, em 1988 cortou a garganta da mãe e suicidou-se de seguida.

Dennis Bartts de 16 anos informou o amigo que pretendia encontrar *Satan*, enforcou-se na trave do campo de futebol da sua escola enquanto ouvia “*High way do Hell*”(AC/DC) no seu *walkman*.

Actualmente um dos grupos mais mediáticos é dirigido por Marilyn Manson. Este é acusado por diversas vezes de incentivar e induzir os adolescentes ao suicídio. No álbum “Mechanical Animal” o cantor proclama um mundo repleto de auto-destruição. Em “*I want to Disappear*” diz mesmo: “Sou apenas um miúdo brincando de rei suicida”.

Iron Maiden é outro grupo em que o conteúdo das letras pode incitar os adolescentes a recorrer ao suicídio como solução. No álbum “*Still life*” diz: “...todo sangue da minha vida está sendo drenado lentamente/de algum jeito eu sei que logo me juntarei a eles no fundo da piscina.../agora está claro, eu sei o que fazer/...de mãos dadas então pularemos na piscina/...nós mergulharemos juntos/será para sempre...”

O interesse por este estudo tem uma enorme carga pessoal, uma grande curiosidade em conhecer a realidade do mundo musical dos adolescentes portugueses e a existência de diferenças de estilos em diferentes áreas do país. Se estivermos atentos, reparamos que a música está sempre presente no nosso dia-a-dia.

Achámos relevante investigar sobre este tema tentando entender que relação poderá existir entre o tipo de música que os adolescentes ouvem e outra realidade preocupante, a ideação suicida nos adolescentes.

As questões que envolvem a ideação suicida são cada vez mais investigadas e preocupam cada vez mais quem as investiga. Esta problemática não pode deixar de ser relevante para quem convive e tenta a todo o custo combater o suicídio na adolescência.

Este estudo de cariz exploratório e descritivo tem como objectivo realçar a importância e influência da música, gostos musicais e ideação suicida na adolescência. Apesar do objectivo não ser o de encontrar uma relação de causa/efeito, procura-se investigar e compreender esta problemática.

Foram realizados alguns estudos em Portugal sobre esta temática, tal como o de Borralho (2002), Oliveira (2004, 2008) entre outros, embora existam muitos fora do nosso país. É importante ter a noção que as tendências e consumos musicais variam de país para país também pelas diferenças a outros níveis (sociais, económicos, etc.).

O presente trabalho tem como objectivos gerais:

- . Conhecer as diferenças dos gostos musicais dos adolescentes dos distritos de Lisboa, Santarém e Faro;
- . Identificar a importância e influência da música relacionando-a com a ideação suicida em adolescentes (dos 14 aos 16) dos distritos de Lisboa, Santarém e Faro;
- . Apurar a existência ou não de pensamentos que manifestem ideação suicida nos adolescentes no que respeita às idades, sexo e distritos.

O SUICÍDIO

Suicídio

O suicídio é um comportamento, com uma etiologia reconhecidamente multifactorial, devendo entender-se como uma via final comum a uma série de factos, ou factores, que se conjugaram para esse desfecho (Gil, 2006).

Durkheim (1897) define o suicídio como “todo o caso de morte que resulta directa ou indirectamente de um acto positivo ou negativo praticado pela própria vítima, acto que a vítima sabia produzir esse resultado”.

Baechler (1975) define o suicídio como “comportamento que procura e encontra solução para um problema existencial através do atentar contra a vida do sujeito, o que faz deslocar o centro de interesse para aqueles que se suicidam, para o sentido do acto suicida e finalmente para factores que podem influenciar a formação de problemas e de situações onde a solução suicídio será provável”.

Menninger (1938) considera que o suicídio se mistura em três elementos: *o desejo de matar*, que consiste numa reacção instintiva para suprimir uma ameaça ou uma privação que pode ser combatida por exemplo pela sublimação; *o desejo de ser morto* que responderia a uma forma de submissão e a uma interiorização da autoridade, em que o Eu sofreria em proporção directa da agressividade que desenvolve para o exterior e por último; *o desejo de morrer* que corresponderia a uma quantidade de energia auto destruidora que se traduziria pela morte final de todo o individuo, de um modo gradual e que no suicida, pelo contrário, agiria de um modo brutal, conduzindo-o á morte repentina. (cit. por Sampaio, 1991, p.37)

Além destas motivações, existem outras subjacentes às relações humanas. Existe um desejo de provocar uma modificação dos sentimentos de outras pessoas como também a necessidade de tentar a sorte. Temos de incluir á tríade de Meninger a função júízo divino do acto suicida. Estas duas características provêm em parte da necessidade de auto conservação.

O acto suicida é um comportamento complexo que depende muito da sua intensidade e de factores imprevisíveis. O domínio de uma motivação dentro de uma variedade pode provocar diferentes reacções, por parte de outras pessoas.

Shneidman (1991) formula os dez aspectos mais comuns do suicídio, constituindo um resumo dos aspectos fulcrais para a compreensão do suicídio como fenómeno multideterminado, sendo os seguintes: o propósito (procurar uma solução), o objectivo (interrupção da consciência), o estímulo (dor psicológica intolerável), o factor de stress (frustração de necessidades psicológicas), a emoção dominante (desespero – abandono), o estado cognitivo (ambivalência), o estado perceptivo (restrição), a acção (evasão), o acto interpessoal (comunicação da intenção), a consciência (incompatibilidade com padrões da vida duradouros). No fundo, o autor centra as suas causas do suicídio na dor psíquica.

O suicido é de facto um comportamento que carrega consigo diversos factores que o levam á morte. Mas, nem sempre o sujeito pratica determinados actos com o objectivo (consciente ou não) de morte. O para-suicídio, embora traga consequências, não leva á morte.

Para-suicídio

O para-suicídio pode considerar-se um acto sem consequências fatais, no qual o indivíduo inicia deliberadamente um comportamento que não é habitual que lhe causará danos se não houver intervenção de outrem. Este acto não o leva á morte.

Saraiva descreve o para-suicídio como um acto que é iniciado por vontade própria em que o individuo se auto-mutila ou toma uma dose excessiva à dose terapeutica ou ao seu habitual consumo. (Saraiva, 1997).

Existem diversas situações possíveis nas quais embora o indivíduo siga condutas auto-destrutivas não tem a clara e consciente intenção de morrer ou aconteceu algo que o impediu de realizar o seu objectivo.

Nem sempre é visível a distância que separa um comportamento suicida ou uma tentativa de suicídio de um para-suicídio; pressupõe-se que os para-suicídios não tenham intenção de morte, a diferença baseia-se então na existência ou não de intenção do acto auto-destrutivo tendo em conta o seu grau de gravidade. Os adolescentes que realizaram tentativas de suicídio tendem a envolver-se em mais comportamentos de risco do que os que apenas tiveram ideias suicidas (King, 2001, cit. por Oliveira, 2004, 2008).

A taxa de para-suicídios entre os adolescentes do nosso país tem aumentado sendo contudo difícil contabilizar pela frequência com que não são reconhecidos ou valorizados, são cada vez mais habituais (Sampaio, 2002; Saraiva, 1997,1999). Prevê-se que a razão de para-suicídio / suicídio, na Europa, seja aproximadamente de 4/1 entre os 15 e os 24 anos e de 3/1 em indivíduos acima dos 65 anos (Saraiva, 1999).

Tentativas de suicídio

É considerada tentativa de suicido quando o acto que é cometido não leva á morte, quando o individuo tentou suicidar-se mas não o conseguiu por variadas razões.

Quando um individuo decide pôr termo á vida ou actua com impulsividade com esse objectivo, mata-se, escolhendo a forma que lhe parece mais eficaz e que se encontra á sua disposição assegurando-se de que ninguém interferirá.

Quando morre, diz-se que conseguiu o seu objectivo e o acto é muitas vezes denominado de tentativa de suicídio que resultou. Se sobrevive, diz-se que falhou o seu objectivo e o acto denomina-se tentativa de suicídio falhada.

Muitas podem ser as causas para que a tentativa de suicídio falhe, algumas dessas razões passam por: a intenção não ser suficientemente forte, o acto não ter sido praticado com o objectivo concreto de pôr termo á vida, o acto não ser completamente genuíno, ignorar as limitações do método utilizado ou falta de compreensão e decisão devido a algum tipo de doença mental.

Segundo Braconnier e Marcelli (2000) a tentativa de suicídio é frequente e uma característica da adolescência, sendo um gesto que resume múltiplas estratégias e intenções. Este gesto acontece num clima de impulsividade e representa um virar contra si a agressividade constituindo um ataque contra o corpo e tudo o que este representa como simultaneamente uma forma de provocar a reacção dos outros.

Num estudo de Sampaio (1991) este considerou quatro características pelas quais o adolescente tenta o suicídio:

- um pedido de ajuda do adolescente
- Um desafio, uma forma de desagrado por parte do adolescente
- Uma fuga baseada num isolamento cada vez maior por parte do adolescente
- Um renascimento, uma vontade de morrer e nascer de novo de uma forma diferente.

Comportamentos auto-destrutivos

Não é fácil categorizar os comportamentos ditos auto-destrutivos. Sabe-se que as ideias de morte, as ideias de suicídio, os comportamentos de risco – e nalguns casos os actos de auto-mutilação ou auto-agressão –, os planos para morrer e as tentativas de suicídio, como uma escala sequencial, progressiva, com repetição de actos ou ocorrências cada vez mais graves, ainda que nem sempre sejam assim entendidos ou passem despercebidos aos outros, podem suceder-se no tempo (e.g. Cassorla et al., 1991; Robbins, 1998; Sampaio, 1991,2002; Saraiva, 1997,1999).

Ideação suicida

A ideação suicida é um pensamento, isto é, uma função cognitiva superior caracterizada fenomenologicamente por intenções e significados, ou antes, por intenções significativas (Pio-Abreu, 1997; Fonseca, 1997)

Para Kumar e Steer (1995), a ideação suicida abrange ideias, pensamentos, desejos, sentimentos e planos que o indivíduo possa ter acerca da sua (possível) autodestruição. Defendem que a desesperança e a depressão são as variáveis que mais contribuem para explicar a ideação suicida.

A ideação suicida é assim um conjunto de pensamentos, intenções significativas e planos á cerca da sua própria morte.

Outros autores consideram uma definição mais abrangente de ideação suicida, remetendo esta para quaisquer pensamentos que englobem comportamentos auto-destrutivos independentemente da existência ou não da intenção de morrer. As ideias podem assim ir desde menor pensamento abstracto da morte até ao desejo e plano suicidário. Podemos pensar

na ideação suicida pela diversidade de pensamentos (recorrentes ou não) e na forma como cada indivíduo pensa na morte.

A ideação suicida não parece ser condição necessária para a passagem ao acto suicidário. Contudo, não devemos desprezar ou ignorar mas sim prevenir comportamentos suicidários que são passíveis de abordagens reducionistas do tipo causa-efeito.

A presença de ideias de suicídio aparece frequentemente apenas a porção visível de um oculto e muito maior icebergue, devendo por isso, merecer uma avaliação e investigação clínicas de modo a que se possam integrar num modelo holístico, verdadeiramente bio-psico-social, do indivíduo. (Mann *et al.* 1999, cit. por Gil)

A IDEACÃO SUICIDA

Suicídio e Ideação Suicida na Adolescência

Entender o suicídio na adolescência, passa por compreender o modo como o conceito é apreendido e estruturado, e a realidade reconstruída, em termos representacionais, tem em conta as diversas dimensões significantes que dele emergem entre a população adolescente, num dado contexto social e cultural (Oliveira, 2008,p.36).

Segundo Crepet e tal. (2002, cit. por Borralho 2002), para interpretar e compreender as condutas suicidas empreendidas pelos adolescentes é necessário começar por entender aquilo que começa por ser uma curiosidade infantil em relação á morte mas que no fundo acaba por ser uma preocupação da criança em relação ao seu próprio crescimento.

Existem várias razões para explicar o suicídio juvenil como a baixa auto-estima, insegurança e outras do foro intrapessoal, de natureza social, biológica ou hereditária e interpessoal que tem subjacente os amigos e a família.

O gesto suicida adolescente transporta uma dor interior insuportável de quem perdeu a esperança e não suporta mais nem encontra uma razão para viver.

Segundo Bicho (1998), os comportamentos suicidários entre os adolescentes, tal como nos adultos, estão associados às dificuldades sociais, às dificuldades económicas, a dificuldades parentais/matrimoniais e conflitos familiares, a perdas interpessoais, a desordens emocionais dos pais e ao abuso físico e sexual durante a infância ou adolescência.

Segundo Hirschfeld & Russell (1997) um terço da população geral terá ideação suicida em alguma altura das suas vidas.

Num estudo realizado por Borges, Werlang e Paranhos (2004) em relação á presença ou não de ideação suicida, numa amostra de 526 adolescentes dos 15 aos 19 anos de idade verificou-se que 188 (36%) apresentaram ideação suicida, ou seja, um pouco mais de um terço da amostra. Comparando as percentagens por idade, constataram que á medida que a idade avança, a ideação suicida vai diminuindo (43,1% com 15 anos e 2,1 com 19 anos).

Neste mesmo estudo verificaram a intensidade de depressão e de desesperança correlacionando-as com a existência ou não de ideação suicida. Verificaram que 68 dos adolescentes com ideação suicida têm um nível de depressão moderado ou grave e 54 adolescentes demonstraram desesperança moderada ou grave.

É importante identificar adolescentes com depressão, desesperança e com ideias e/ou em via de cometer suicídio porque os jovens são uma parcela fundamental e importantíssima da população que estruturará o futuro intelectual e económico de uma nação (Borges, Werlang e Paranhos, 2004).

O suicídio na adolescência é alarmante e deve ser evitado através de esforços por parte de acções preventivas, pela sociedade no geral nomeadamente pelos pais, família, amigos, escola e meios de comunicação.

Num estudo sobre a dor psicológica em adolescentes com e sem ideação suicida efectuado por Fensterseifer, Werlang, Seminotti e Lima (2004) constituído por 525 adolescentes, entre os 15 e os 19 anos (295 do sexo feminino e 230 do sexo masculino) constataram que 188 apresentaram ideação suicida (127 mulheres e 61 homens). Os resultados do estudo apontam que entre 7 e 40% dos adolescentes da população geral apresentam ou já apresentaram ideação suicida. Concluíram que existe uma relação entre a ideação suicida e a dor psicológica indo ao encontro de alguns autores.

Oliveira (2004, 2008) na sua pesquisa empírica, com uma população de 625 estudantes entre os 15 e os 18 anos encontrou uma taxa de 50% de inquiridos com ideação suicida sendo que 30% já haviam pensado nisso várias vezes.

Borrvalho (2002) no seu estudo com 234 estudantes da cidade de Lisboa, com idades entre os 15 e os 21 anos constatou que 48,8% das raparigas já desejou morrer, enquanto 35,6% pensou mesmo no suicídio. Nos rapazes as percentagens para os mesmos factores foram de 19,1% e 25,3%.

Num estudo realizado por Esposito & Clum (2002, cit. por Gil) com 73 adolescentes (37 rapazes e 26 raparigas), com idades entre os 14 e os 18 anos com problemas do foro emocional e comportamental em contexto escolar, verificou a existência de ideação suicida em 56% dos participantes.

A investigação da ideação suicida revela-se tanto ou mais importante quanto ela é bastante mais frequente que os próprios comportamentos de ameaça ou de tentativa de suicídio, apresentando-se já estes últimos como dez vezes mais frequentes do que o número de suicídios propriamente ditos (Maris, 1985, cit. por Fleming, 2005).

ADOLESCÊNCIA

Conceito de adolescência

O conceito de adolescência é relativamente recente. A actual noção de adolescência teve origem no final do séc. XIX, quando esta se tornou objecto de investigação científica. A adolescência é, cada vez mais, uma longa etapa no ciclo de vida humana, que liga á infância, para a qual o jovem tem de “morrer”, á idade adulta e implica importantes mudanças inter-relacionadas ao nível físico, cognitivo, afectivo-emocional e psicossocial (e.g., Braconnier, 2002; Papalia e tal., 2001).

Existem várias definições de Adolescência mas de um modo geral caracteriza-se por uma fase da vida onde acontecem diferentes mudanças tanto a nível físico como psicológico, implicando diversas lutas em busca de uma identidade.

Sampaio (1994) define adolescência como sendo: “Uma etapa do desenvolvimento, que ocorre desde a puberdade á idade adulta, ou seja, desde a altura em que as alterações psicobiológicas iniciam a maturação até á idade em que um sistema de valores e crenças se enquadra numa identidade estabelecida.”

È um período onde não existem limites cronológicos consensuais tanto no que diz respeito á sua iniciação com ao seu final. O seu início está directamente relacionado com o aparecimento do período menstrual e o aparecimento da ejaculação e o seu final á formação da identidade (sexual e carácter) não esquecendo a importante influência dos factores sócio culturais no desenvolvimento.

Peter Blos (1967) propôs que a adolescência fosse dividida em cinco fases que vão progredindo num contínuo desde a latência e pré-adolescência até a pós-adolescência.

Fases da Adolescência

As três fases intermediárias neste processo são as mais características:

- Adolescência inicial (aproximadamente dos 12-14 anos): as mudanças fundamentais são do foro corporal incluindo o descobrimento do prazer sexual masturbatório e a procura de uma vida mais independente, extra familiar.
- Adolescência propriamente dita (aproximadamente dos 15 - 17anos): um período de maior questionamento dos valores, independência e autonomia em relação às figuras parentais. Também se caracteriza por maiores exigências sociais e pelas primeiras relações sexuais.
- Adolescência final (aproximadamente dos 18 – 20 anos): formação de carácter já estabilizado com a identidade sexual, social e ocupacional mais definida.

A perspectiva de desenvolvimento permite situar a adolescência em diversos estádios, cada um relacionado com um certo número de tarefas que é necessário cumprir para passar ao estágio seguinte. Estas tarefas, quando resolvidas, levam ao bem-estar e sucesso nas tarefas futuras e são determinadas essencialmente pela maturação física e pelas pressões socioculturais. (Sampaio, 1991)

Laufer (1972) sistematizou três tarefas fundamentais do desenvolvimento:

- *Alteração da relação com os pais*: o jovem terá de se ir afastando aos poucos da dependência que tem dos pais para uma independência e autonomia face ao meio familiar. Esta alteração é difícil para ambos porque também os pais terão de mudar o tipo de relacionamento que têm com os filhos.
- *Alteração da relação com os companheiros*: após a diminuição da dependência face aos pais, o adolescente vai alterando a sua relação com os seus companheiros e grupo e o seu desenvolvimento emocional vai ser de grande importância. Na ligação com o grupo estabelecem-se identificações, segredos e experiências que são fundamentais para o desenvolvimento da personalidade.

- *Identidade sexual*: esta formação da identidade sexual decorre normalmente na fase final da adolescência (entre os 18 e os 21anos) onde para além de se atingir uma identidade sexual fixa também se forma o carácter.

Em toda a adolescência existem momentos de depressão que são normais mesmo considerando o conceito mais lato que é de uma baixa auto-estima. A existência destes momentos é devido a situações de frustração e perda que ocorrem durante este período.

Amaral Dias (1984) organiza cinco lutos obrigatórios no decorrer do período da adolescência, descrevendo os momentos depressivos normais numa perspectiva de desenvolvimento: *o luto pela fonte de segurança* corresponde ao luto da mãe refúgio; *o luto renovado pelo objecto edipiano* está relacionado com o desinvestimento dos aspectos edipianos dos pais; *luto pelo ideal do Eu*, devido á perda da imagem dos pais idealizados, fonte principal do Ideal do Eu, á medida que o adolescente se confronta com a realidade exterior; *luto pela bissexualidade* com a escolha do objecto heterossexual; *luto pelo grupo*, o adolescente deverá a pouco e pouco afastar-se do grupo e ser capaz de viver independente, ao mesmo tempo que aprende a estar só.

Há medida que os adolescentes vão passando pelas diferentes fases, aumenta o desinteresse e desinvestimento pelas figuras parentais e aumenta o interesse e importância do grupo de amigos e companheiros. Este desinteresse na família está associado á procura de autonomia e independência face ao meio familiar, uma busca de identidade, uma nova etapa da vida.

Grupo de amigos e actividades de lazer

Segundo Cotterell (1996) as relações com os outros permanecem no coração da experiência do adolescente. Os jovens estão preocupados com o fazer e manter amigos e investem uma grande parte da sua energia na sua vida social com o grupo. Dão muita importância á inclusão no grupo, fazerem parte deste não apenas por segurança emocional, como também por uma procura de reputação.

Este contexto de relações sociais no grupo assume uma importância e um lugar essencial no desenvolvimento da personalidade durante os anos da adolescência.

Embora estejamos presos às nossas relações podemos escolher os nossos amigos.

Observando as relações de amizade e suas interações e qualidades esperadas dos amigos, estas providenciam uma apreciação de como as relações de proximidade se estendem para além da família no mundo real dos adolescentes.

Nos tempos modernos um amigo parece ter sido transformado numa “etiqueta” constante que é aplicada àqueles que estão associados aos que são sociais, aos que de alguma forma terão um papel importante para atingir os seus objectivos.

Berndt (1982) verificou nos seus estudos sobre a estabilidade das relações de amizade que a formação de novas amizades e preservação destas acontece dos 10 aos 17anos. Em condições estáveis, acontecem num ambiente social da escola e vizinhança sendo estes os “pilares” das primeiras amizades. Contudo, nestas idades as amizades são instáveis.

Muitos autores referem a importância do grupo de pares na adolescência e desenvolvimento á medida que se vai criando desinteresse/ desinvestimento nas figuras parentais. A família vai perdendo a sua importância, nomeadamente os valores em prol do grupo de pares que influenciará o sistema de valores.

No início da adolescência, os amigos tendem a ter as mesmas opiniões acerca da importância da escola e têm a mesma educação e as mesmas aspirações de carreira. Também têm as mesmas preferências musicais e interesses recreativos tal como o desporto ou cinema. Os gostos iniciais são baseados nas mesmas similaridades gerais, salientes no contexto como por exemplo gostar de basquetebol ou de música *rock* (Cotterell, 1996).

Fernandes e tal. (1998, cit. por Borralho, 2002), num estudo que realizou com estudantes do Porto com idades compreendidas entre os 11 e os 20 anos, verificou que 90,9% dos adolescentes passam os seus tempos livres com os amigos, sendo que os aspectos mais valorizados são a convivência, fazer coisas que nada tem a ver com o estudo, ter experiências novas e o contacto com a natureza.

Neste mesmo estudo, concluiu-se que ver televisão e ouvir música são as práticas que reúnem maior adesão.

Os amigos na adolescência influenciam e ajudam a construir a identidade de cada um, pertencente a um grupo. Há uma influência no modo de vestir, na comunicação, no tipo de música que ouvem e nas atitudes.

Na opinião de Pais (1991), para a grande parte dos adolescentes, o grupo de amigos é como um “espelho da sua própria identidade”, é com os amigos que passam a maioria do tempo, nomeadamente nas práticas de lazer á realização dos seus desejos e interesses.

Braconnier & Marcelli (2000) verificaram que grande parte dos adolescentes afirma ter muitos colegas e sair com outros jovens. Contudo, para outros autores, o aparecimento de condutas desviantes estão intimamente ligadas com a qualidade da relação com os pares.

MÚSICA NA ADOLESCÊNCIA

Conceito de música

“O gosto intenso pela música é um sinal de entrada na Adolescência” (Sampaio, 1993,p.109)

Segundo Stewart (1987) a música é a organização das relações entre sonoridades simultâneas ou não, no decorrer do tempo. Sons (e silêncios) são combinados e encadeados entre si, formando ritmos, melodias e harmonias.(cit. por Costa,1989, pág. 61)

Borchgrevink (1986) define a música como uma progressão sonora não linguística organizada no tempo. A música pode ser considerada como um meio de comunicação e muitas vezes de forma mais directa do que por código verbal. Berlyne (1971, cit. por Borchgrevink, 1986) acredita que a música está presente em todas as culturas humanas conhecidas.

Nas diferentes culturas/tradições existem tipos de músicas com características específicas. Há uma influência do ambiente e da tradição sobre o comportamento dos indivíduos.

Na nossa cultura há uma enorme tendência para considerar a música como uma espécie de representação da dinâmica da vida interior, isto é, das emoções. Algumas teorias consideram a música análoga às emoções, um reflexo delas. Contudo, algumas põe em causa até que ponto a música “reflecte” a emoção, isto é, se essa analogia deve ser levada á letra ou apenas vista como uma metáfora (Ruud, 1986).

Levinson (1997 citado por Koen) considera que a emoção evocada pela música é uma espécie de espelho da realidade dessa mesma emoção. Este autor diferencia a expressão da emoção na música da evocação da emoção pela música.

Na nossa civilização a música é algo que se consome e não, algo que se faz, que se encontra nova a cada vez e se cria (Mayr, 1986).

A verdade é que não se pode comparar a música de um mundo á de outro, de várias épocas. Influenciada pelas épocas, a música age sobre a cultura que lhe dá forma e de onde ela deriva, ao mesmo tempo que a insere por um momento na estrutura de que ela própria se formou. (Tomatis & Vilain, 1986)

A música modifica-se a partir de ideias, novas tentativas de experimentação, depois de variadas criações, em variadas épocas e diferentes culturas.

Há autores que defendem que a música é uma linguagem de emoções, contudo, os que se opõem a esta ideia explicam, apontando a qualidade não-discursiva, a abstracção da música e o seu papel numa situação comunicativa cognitiva (Jensen, 1986).

Segundo Nunes (1997), a música é um conjunto de representações produzida por imagens de movimento, fantasia, sensualidade e de desordem emocional que são transmitidas quer pelas letras, quer pela música em si.

O significado da música é muito subjectivo e condicionado por aquilo que nos é transmitido pela nossa cultura e pelas vivências pessoais.

A música tem “qualidades que permitem a todos (...) aceder ao universo de símbolos e das representações que ajudam a superar, ou mesmo a reagir, à banalidade dos dias do quotidiano” (Abreu, 2000,p. 145).

Actualmente a música está activa ou passivamente, presente nas nossas vidas diárias. Ouvimo-la em casa, no trabalho, no café ou nas lojas, na publicidade que passa na televisão, no carro enquanto conduzimos até ao emprego, (Borrvalho, 2002) no *ipod*, no portátil e até mesmo nos telemóveis.

A música tem cada vez mais importância no crescimento e desenvolvimento dos jovens no que respeita á sua socialização e construção de identidade.

Nunes (1997) sugere que os adolescentes têm necessidade de ouvir música para preencher um vazio ou pelo contrário, por um alheamento do quotidiano, estando a percepção do seu conteúdo consciente.

Segundo Pais (1991), os adolescentes procuram na música uma forma de identificação e é assim que se consegue distinguir diferentes grupos ou subculturas.

Parece que cada geração é associada a uma forma de estar na vida específica, com características e valores distintos de outras gerações, sendo a música um elemento essencial na caracterização de cada período.

Importância da música na Adolescência

A música constitui um dos elementos significativos nas culturas juvenis e é fundamental na socialização do adolescente. A música pode ter diversas funções nas interações, nomeadamente na comunicação por parte destes em grupos de pares.

Os gostos musicais dos adolescentes podem diferenciar diferentes subculturas entre si, oferecendo modelos de identificação do grupo (Rodrigues, cit. por Oliveira, 2002).

As preferências musicais dos adolescentes reflectem, entre outras:

- o que se ouve em casa;
- o que o grupo de amigos prefere;
- o que se ouve na rádio ou televisão;
- o que se ouve em bares, discotecas ou outros locais de convívio;
- a música que está nos tops;
- a música que se gosta e com a qual existe algum tipo de identificação e proximidade (Oliveira, 2004, 2008).

Nunes (1997) verificou que a actividade de lazer mais comum entre os jovens do ensino secundário é ouvir música. Constatou que 92,3% dos jovens ouve música de forma voluntária e consciente todos os dias e 20,3% acham que a música é uma componente importante na sua formação como pessoa. Consideram que a música é um meio de distração e prazer 42,3% e 21,7% afirmam mesmo que não poderiam viver sem ela.

Ainda no mesmo estudo, para 54% dos jovens, a música influencia a sua personalidade e quase 91% revelou a influência da mesma no seu estado de espírito.

Num estudo realizado por Barros (2000) este verificou que para 30% dos jovens portugueses a música é importante na sua vida e para 50% é bastante ou muito importante.

Borrvalho (2002) no seu estudo sobre preferências musicais e ideação suicida a adolescentes dos 15 aos 21 anos verificou que: 85,9% (37,1% do sexo masculino e 48,8% do sexo feminino) acham que a música tem muitíssima importância nas suas vidas, para 52,6% do sexo masculino e 59,0% do sexo feminino a música é considerada como uma fonte de prazer e 39,8% do sexo masculino e 50,0% do sexo feminino concordam totalmente em como a música é uma forma de exprimir as emoções.

Cabral e Pais (2003) verificaram, entre jovens portugueses dos 15 aos 29 anos, que apenas 1,1% diz nunca ouvir música e perto de 50% prefere música agradável ou que descontraia, alegre e divertida; ao chegar a casa, 80% vão ouvir música e 70% estudam ou trabalham ao som da música (Cabral e Pais, 2003, citados por Neto, 2002).

Fernandes e tal. (1998) efectuou uma pesquisa em que diferencia as preferências musicais dos adolescentes por género. Concluiu que os rapazes preferem o *rap* e o *pop rock* português enquanto as raparigas preferem música ligeira estrangeira e música popular portuguesa. Verificaram também que a idade assume um papel condicionador nas escolhas musicais sendo o *rap*, o *country music* e o *jazz* géneros musicais menos escutados á medida que se vai avançando na idade.

Uma investigação realizada por Tarrant, North and Hargreaves (2000) sobre as razões para os Americanos e Ingleses ouvirem música, foi constituída por 245 adolescentes com idades compreendidas entre os 15 e os 27 anos. Na totalidade encontraram onze factores dos quais sobriariam três: actualização pessoal; preencher necessidades emocionais; preencher necessidades sociais. Os resultados revelaram que existiam pequenas diferenças nas respostas dos participantes em cada cultura. Estas diferenças significativas podem ser explicadas pelos mesmos factores em ambas as nacionalidades.

Num outro estudo orientado por North e Hragreaves (1999) sobre a influencia da música nos adolescentes com idades entre os 13 e 14 e entre os 18 e 19, verificaram que as expectativas que influenciam a suas percepções das consequências sociais (por exemplo: ter poucos amigos) por serem *fans* de um tipo de música.

Os resultados demonstram uma relação positiva entre as preferências musicais dos adolescentes e o conceito pessoal, auto-estima e as expectativas dos *fans* de estilos musicais.

Também demonstrou que os adolescentes favorecem as pessoas que gostam do mesmo estilo de música que elas sem denegrir necessariamente aqueles que não gostam.

Num outro estudo com os mesmos autores do anterior e O'Neill (2000) sobre a importância da música para os adolescentes de Inglaterra, porque ouvem música e a tocam. A amostra era de 2465 adolescentes (1149 rapazes e 1266 raparigas) com idades entre os 13 e os 14 anos. Após a passagem do questionário, concluíram que 50% tocam frequentemente ou já tocaram um instrumento; ouvem música numa média de 2 horas e 45 minutos; a música é a actividade preferida dentro das actividades; ouvir/tocar música *pop* tem diferentes percepções benéficas do que ouvir/tocar música clássica.

Este estudo conclui que a música é importante para os adolescentes porque permite que estes tenham uma imagem no “meio social” e satisfaçam as suas necessidades emocionais.

Numa investigação empírica realizada por Oliveira (2004, 2008) com uma população de 1226 adolescentes, estudantes entre os 15 e 18 anos foram recolhidos os dados numa primeira fase em Évora, Lisboa e Porto e numa fase experimental posterior em Lisboa.

O estudo baseou-se fundamentalmente nas representações do suicídio, de morte, da vida e das emoções ou sentimentos. Analisou ainda as representações da música e as preferências musicais correlacionando-as com as representações do suicídio, ideação de suicídio, a tentativa de suicídio, o desejo de morrer, os comportamentos para-suicidas e suicidas.

Constatou que as preferências musicais dos adolescentes de ambos os sexos incluíam grupos, cantores e compositores como Metallica; Pearl Jam; Lenny Kravitz; Nirvana; Smashing Pumpkins; U2; entre outros sendo os favoritos Silence 4, referido por quase 50% dos participantes.

Concluiu que quem mais prefere *new metal/punk* e *rock/metal*, só gosta de estilos mais associados a tensão, constatação ou discursos ideológicos e não gosta de música *pop*. Os rapazes têm maior preferência por música pesada comparativamente as raparigas sendo estas mais adeptas (tal como os adolescentes que nunca tiveram ideação suicida) de música mais leve, alegre, romântica ou dançável (*pop, dance pop ou trip-hop/pop*).

Breve História da música contemporânea

A música é considerada por muitos adolescentes e adultos como fonte de divertimento e por vezes, define sub-culturas que encontram na música ideias e valores a seguir.

A cada geração é associada uma determinada forma de estar na vida com características e valores distintos de outras gerações, sendo a música um elemento essencial na caracterização de cada período (Borrvalho, 2001).

Alguns movimentos musicais foram importantes em diversas gerações e deram origem a novas tendências que estão e estarão sempre em constante mutação.

O *Rock and Roll* é um género de música que nasceu e se definiu como estilo musical no sul dos Estados Unidos durante a década de 50. Nasceu da mistura de três estilos musicais: *blues, jazz e country*. Evoluiu mais tarde para diversos sub-géneros no que hoje é definido simplesmente como “rock”.

Um dos motivos para o aparente detrimento da música *rock* e para a popularidade da música *heavy metal* deve-se aos adolescentes considerarem que o rock foi apropriado por uma grande parte dos adultos (Strasburger, 1999, cit. por Borrvalho, 2001).

O Heavy Metal surge no início dos anos 70 estando a sua origem associada ao inconformismo e á rebeldia. É um estilo musical derivado do rock e do *hard rock* e caracteriza-se pelo som de guitarras amplificadas, por vezes com distorções, com ritmos rápidos. Uma das bandas com mais relevo neste estilo foram os *Black Sabbath*, representados por *Ozzy Osbourne*.

Este tipo de música sempre foi associado ao barulho, horror, morte, ódio, violência, criando polémica e controvérsias em torno dos estilos musicais.

O *New Metal* (ou nu metal) constitui uma variação mais recente do *metal*, e está próximo de outros estilos como o *grunge* e o *punk*, fazendo algum tipo de fusão entre os mesmos; “as bandas misturam, combinam e recombinaam uma variedade de influências, tais

como a electrónica, o *metal*, o *pop* e o *hip-hop*, numa sonoridade considerada rítmica” (Borrvalho, 2002, pag.47).

O *Punk rock* é um género que se desenvolveu a partir do rock. Surgiu nos Estados Unidos em meados de 1974 e em Inglaterra em 1976.

O *Gothic Metal*, também conhecido como Goth Metal ou Metal Gótico caracteriza-se por um som melancólico e um enfoque sombrio em temas como religião, sexualidade e morte. A maioria das bandas do género utiliza elementos da música erudita como coros e orquestras. Este movimento nasceu por volta dos anos 80.

O *Pop* terá nascido por volta dos anos 90 (tal como uma nova vertente do género rock: o *grunge*). Este tipo de música é simples e refere-se a qualquer género popularmente difundido da música americana rock, hip-hop, dance, etc. Este tipo de música é um dos preferidos pelas jovens até porque abarca muitos géneros de músicas.

O *Reggae* é um estilo de música originário da Jamaica na década de 60. Ficou conhecido pelo cantor e compositor *Bob Marley* e aborda vários assuntos, como o amor, o sexo e principalmente a crítica social.

Um dos tipos de música que não está relacionado com o *rock* é o *Hip-Hop*. Este género nasceu na década de 60 nos subúrbios negros e latinos de Nova Iorque, verdadeiros guetos onde enfrentaram todo o tipo de problemas relacionados com a miséria.

Efeitos da música nos adolescentes

Em 1962, com a morte de Marilyn Monroe suicidaram-se no mês seguinte perto de 200 jovens louras aumentando globalmente em 12% os suicídios na América.

Em Abril de 1994 após o suicídio do cantor Kurt Cobain apesar dos vários suicídios durante esse ano, deixando várias notas que o nomearam, houve um aumento da venda dos seus discos.

A maioria dos estudos realizados sobre suicídios por imitação joga com a importância da relação entre as características do modelo e do observador. Isto poderia explicar uma maior

vontade do observador para imitar “estórias” reais, principalmente quando há uma identificação com o modelo ou este tem um estatuto especial, como as celebridades (Ordaz, 2006).

Alguns autores defendem a partir de estudos realizados, que os fans de todo o tipo de música após escutarem a sua música preferida não ficariam mais irritados, ficariam a sentir o mesmo ou mesmo mais felizes. Martin (1993) e seus colegas defendem outra opinião, que a maioria dos *fans* se sentiriam piores depois de escutar a sua música preferida.

Scheel e Westfeld (1999) consideram que a audição da música estará associada a um estado emocional positivo. No seu estudo, constataram que menos de 1% dos sujeitos afirma estar muitas vezes ou normalmente tristes quando ouvem o seu tema favorito e que 62% referem ouvir o mesmo tipo de música com pouca frequência quando estão zangados. A nível do estado emocional não foram encontradas diferenças significativas para os estilos musicais.

Martin et al. (1993) realizaram um estudo com adolescentes australianos com idade média de 14.76 sobre as preferências musicais e aspectos da sua saúde psicológica e estilo de vida. Com base nos resultados deste estudo os autores acreditam que tal como a depressão, os pensamentos suicidas, os actos deliberados de danos infringidos, os comportamentos de risco, o consumo de drogas e de álcool e a psicopatologia familiar, a preferência por *rock* e *heavy metal*, principalmente nas adolescentes mais novas pode ser um factor de vulnerabilidade para o suicídio.

Preferências musicais e Ideação suicida

Os gostos musicais podem relacionar-se á ideação suicida, comportamentos para-suicidas, e relevar muitas representações sentimentais, da vida, da morte e do suicídio entre os adolescentes.

O crescimento da ideação e tentativas de suicido nos adolescentes levaram a certos estados apreensivos. As preferências musicais tornaram-se preocupantes e de enorme influência na vida dos adolescentes.

Alguns autores defendem que a música *Heavy Metal* é o principal alvo de inquietude pois sugerem temas da sociedade e do caos mental e fazem referência aos homicídios,

suicídios e práticas satânicas. Pactos de suicídio entre jovens fans de *Heavy Metal* contribuíram para as críticas do público.

Posteriormente iniciaram causas na justiça contra os artistas deste tipo de música mais pesada e às suas editoras devido ao forte crescimento de suicídios de adolescentes (Strack et al., 1994).

Strack e outros colegas (1994) verificaram que a música *Heavy Metal* reflectia uma possível alienação, desespero e esperança suicida entre membros da subcultura deste grupo.

Martin, Clarke and Pearce (1993) elaboraram uma investigação sobre a possível relação entre as preferências musicais dos adolescentes e os aspectos da sua saúde psicológica e o seu estilo de vida. Os participantes tinham idades entre os 14 e 76 anos. Os resultados demonstram que 74% das raparigas prefere música *pop* e 70,7% dos rapazes preferem *rock/metal*. Pareceu existir associação entre a preferência do *rock/metal* e pensamentos suicidas: actos deliberados de auto-agressão, depressão, delinquência, drogas e disfunções familiares. Tudo isto é verdade para as raparigas que se sentem mais tristes depois de ouvirem as suas músicas preferidas.

Os autores concluíram que particularmente as raparigas que preferem a música *rock/metal* e após ouvirem se sentirem mais tristes, pode ser indicador de estarem mais vulneráveis a pensamentos e actos suicidas.

Um estudo realizado por Rustad, Small, Jobes, Safer e Peterson (2003) com o objectivo de observar o impacto dos vídeos *rock* e música com conteúdos suicidas nos pensamentos e atitudes acerca do suicídio, foram realizadas duas experiências com adolescentes.

Uma primeira amostra de 133 adolescentes viram vídeos de música *rock* com e sem conteúdos suicidas e escreveram a sua disposição, pensamentos suicidas, percepções de riscos pessoais, sensibilidades para perceber o suicídio nos outros e atitudes e crenças sobre o suicídio.

Numa segunda amostra com 104 adolescentes, estes ouviram músicas *rock* com e sem conteúdos suicidas completaram da mesma forma que no estudo anterior, completando com medidas de esperança.

Em ambos os resultados, os participantes expostos a material suicida escreveram em maior número cenários de relatos suicidas numa perspectiva de história do que aqueles que não foram expostos a material suicida. A música e os vídeos com conteúdo suicida primem por cognições implícitas relacionadas com o suicídio mas não afectam variáveis associadas com o aumento do risco do suicídio.

Na investigação realizada por Oliveira (2004, 2008) já citada anteriormente tendo sido um dos objectivos a correlação entre a ideação suicida e as preferências musicais, este verificou que quanto maior é a ideação suicida, menor é o gosto por um estilo *dance/pop* e a preferência recai para a música mais pesada: rock/metal que é mais relevante entre os rapazes mais novos (15 e 16 anos). Também verificou em consonância com outros estudos que quanto maior for a preferência por música mais pesada, mais frequentes são os comportamentos auto-agressivos. Os adolescentes que gostam mais de *rock* revelaram igualmente ideação suicida, maior desejo de morrer e casuais tentativas de suicídio.

OBJECTIVOS E HIPÓTESES

Este estudo tem como objectivo geral averiguar a importância e a influência da música tendo em conta os gostos musicais dos adolescentes em termos dos cantores e grupos, e a sua relação com a ideação suicida na adolescência. Pretende-se comparar esta influência entre três distritos distintos (Lisboa, Santarém e Faro). Neste sentido irei analisar os gostos musicais dos adolescentes nos distritos de Lisboa, Santarém e Faro; identificar a importância e influência da música relacionando-a com a ideação suicida em adolescentes (dos 14 aos 16) dos três distritos; apurar a existência ou não de pensamentos que manifestem ideação suicida nos adolescentes no que respeita às idades e sexo.

Proponho colocar as seguintes hipóteses:

1. Existem diferenças significativas na ideação suicida no que respeita às idades e ao sexo.
2. Existem diferenças significativas na ideação suicida em função das preferências musicais e dos distritos em que residem
3. O tipo de música influencia a ideação suicida na adolescência

Variável Independente: Preferências musicais, distritos, idade e sexo

Variável dependente: Ideação suicida

MÉTODO

Trata-se de um estudo diferencial e comparativo. Procura-se saber se existe influência e diferenças significativas entre as preferências musicais e a ideação suicida nos adolescentes dos três distritos.

Participantes

A amostra é constituída por 195 adolescentes de ambos os sexos que frequentam o ensino Básico (9ºano) e Secundário (10º e 11ºanos) dos distritos de Lisboa, Santarém e Faro.

Tabela 1: Distribuição dos sujeitos por idade e sexo

Idade	Rapazes	Raparigas	Total
14 anos	10	22	32
15 anos	38	47	85
16 anos	36	42	78
Total	84	111	195

Através da análise da tabela 1, constatamos que participaram neste estudo 195 adolescentes, 84 pertencentes ao sexo masculino e 111 ao sexo feminino. No que respeita às idades, a amostra é constituída por 32 adolescentes de 14 anos, 85 de 15 e 78 de 16 anos.

Tabela 2: Distribuição dos sujeitos por distrito e sexo

Distrito	Rapazes	Raparigas	Total
Santarém	26	35	61
Lisboa	28	40	68
Faro	30	36	66
Total	84	111	195

Relativamente aos distritos, constatamos que participaram neste estudo, 61 estudantes do distrito de Santarém (35 raparigas e 26 rapazes), 68 do distrito de Lisboa (40 raparigas e 28 rapazes) e 66 do distrito de Faro (36 raparigas e 30 rapazes).

Instrumentos

Como já foi referido anteriormente o estudo tem como objectivo geral compreender a influência das preferências musicais na ideação suicida nos adolescentes, tendo em conta a idade, o sexo e o distrito em que residem. Para atingir este objectivo aplicou-se o questionário de Ideação Suicida (Q.I.S.) de Ferreira, & Castela (1999) (Anexo A) para medir a gravidade dos pensamentos suicidas.

A escolha deste *Questionário de Ideação Suicida (Q.I.S.)* (Ferreira, & Castela, 1999) prende-se com o facto de estar aferido á população portuguesa e avaliar a gravidade dos pensamentos suicidas nos adolescentes. Este questionário foi desenvolvido por Reynolds em 1988 e teve a sua versão original em 1983. Foi traduzido e adaptado por Joaquim Armando Ferreira e Maria Cristina Castela em 1993/94. O Q.I.S. apresenta um total de 30 itens, para os quais são oferecidas sete alternativas de resposta (desde *o pensamento nunca ocorreu*, passando por *o pensamento ocorreu previamente embora não tenha sido no último mês*, até *o pensamento ocorre quase todos os dias*). Os itens propostos são, entre outros: “Pensei suicidar-me”; “Pensei em como seria fácil acabar com tudo”; “Desejei ter coragem para me matar”. Cada item é cotado numa escala de 0 a 6 pontos. Assim, os resultados oscilam entre um mínimo de 0 e um máximo de 180 pontos, indicando tanto maior frequência de cognições suicidas, quanto mais elevado for o score obtido. Relativamente aos dados psicométricos da adaptação portuguesa, concluiu-se que os coeficientes de correlação item/total do QIS são elevados. A consistência interna avaliada apresentou um valor de 0.96.

Aplicou-se também um questionário de preferências musicais criado por Borralho (2002) (Anexo A) recaindo esta escolha no facto de este questionário já ter sido pré-testado nesta área em Portugal. Este instrumento permite uma análise quer a nível da importância e influência da música (num conjunto de afirmações sobre aspectos pessoais e sociais que permite verificar até que ponto os adolescentes acham que a música pode influenciar na sua vida) como identificação dos cantores/grupos preferidos.

A primeira parte do questionário foi construída com o objectivo de entender a relação que o adolescente tem com a música, nomeadamente saber a importância desta, a frequência com que os adolescentes ouvem música, os locais preferenciais onde ouvem música e a influência da música para o adolescente.

A segunda parte do questionário foi elaborada com base no mesmo questionário e tem como objectivo perceber que tipo de música, com que frequência o adolescente se sente triste ou contente. Pretende-se ainda saber qual o estado de espírito após ouvir música. A última questão desta segunda parte é constituída por duas questões que dizem respeito á ideiação suicida. Primeiramente é perguntado ao adolescente se já pensou no suicídio enquanto ouvia música e se sim, que tipo de música. Foram excluídas do questionário original algumas questões que não nos pareceram relevantes para o estudo, nomeadamente a indução de certos grupos musicais como preferidos o que paralelamente prolongaria mais o questionário.

A terceira parte do questionário refere-se às preferências musicais dos adolescentes tanto a nível dos grupos/cantores (12 cantores/grupos) como a canções/ temas musicais (5 canções/temas musicais). Com base nesta parte do questionário obtivemos as preferências musicais dos adolescentes que foram categorizadas por estilos musicais (critério da FNAC¹). São duas questões abertas elaboradas por Oliveira (2003).

Procedimento

Após a elaboração do questionário procedeu-se à aplicação de um pré-teste com o objectivo de verificar se todas as questões eram bem compreendidas pelos adolescentes de modo a alcançar uma compreensão unívoca. O pré-teste foi realizado em Março de 2007 a alunos de uma escola do distrito de Lisboa. Participaram nesta fase, 25 adolescentes sendo 11 do sexo masculino e 14 do sexo feminino com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos.

As respostas foram analisadas e concluiu-se que as questões eram compreendidas por todos os sujeitos de igual modo.

Inicialmente foram contactadas as escolas dos três distritos (Lisboa, Santarém e Faro) com o objectivo de ser concedida a autorização para efectuarmos a aplicação dos

¹ Primeiro distribuidor europeu de produtos culturais e de lazer

questionários. Após o consentimento do pedido feito, foram marcadas com o director/a do Concelho Executivo de cada escola data e hora mais conveniente para a aplicação dos mesmos.

O preenchimento do questionário foi realizado na sala de aula, sempre na presença do entrevistador para que não existissem enviesamentos.

Após a aceitação de todos os alunos deu-se início á elaboração dos questionários e á medida que foram acabando foram saindo, ou mantinham-se na sala em silêncio deixando as restantes colegas acabar o preenchimento. O tempo gasto no preenchimento dos questionários foi aproximadamente 20 minutos.

Posteriormente foram feitos os respectivos agradecimentos tanto aos alunos como aos responsáveis das instituições.

Já com os questionários divididos por distritos e idades, elaborámos uma base de dados para onde transferimos a informação obtida nos 195 questionários, recorrendo ao programa estatístico SPSS, versão 15.0.

Relativamente á terceira parte do questionário, onde foi pedido aos adolescentes que nomeassem os seus cantores/grupos preferidos e temas preferidos, verificámos que as respostas eram muito dispersas (Anexo B), decidindo trabalhar apenas com os cantores/grupos referidos como primeiros favoritos.

Devido á quantidade de cantores/grupos citados como primeiros preferidos não permitir uma análise consistente, optámos por agrupar as preferências por aqueles grupos que obtiveram uma frequência igual ou superior a 10.

Esta categorização teve de ser realizada apesar de poder ser discutível e considerada falível do ponto de vista científico.

A categorização teve por base os critérios da FNAC tendo em conta as letras, o ritmo e sonoridade de forma a agrupá-los de forma mais coerente possível. Desta categorização resultaram seis estilos musicais, numa amostra total de 157 adolescentes.

Tabela 3: Cantores/grupos como primeira preferência categorizados em estilos musicais numa amostra de 157 adolescentes

Estilos Musicais	N
Pop-Rock	59
Punk	34
Rap/Hip Pop	25
Outros	16
Portuguesa	13
Soul/Funk	10

A análise foi efectuada com esta amostra de 157 adolescentes no que diz respeito às preferências musicais.

RESULTADOS

Neste capítulo serão expostos os resultados obtidos dos dados em análise com base nas hipóteses colocadas.

Com o objectivo de responder às hipóteses, utilizámos o teste estatístico *ANOVA* (*ONE-WAY*; *TWO-WAY* e *MANOVA*) de forma a constatar se havia efeitos principais e efeitos de interacção entre as variáveis independentes. No que respeita á hipótese 1 foi utilizada uma *ANOVA TWO-WAY*. Em relação á segunda hipótese, como as amostras são inferiores a 50, verificou-se o p no *Shapiro-Wilk* o pressuposto da Normalidade. Não podendo usar um teste paramétrico, foi utilizado o *Kruskall-Wallis*. Na mesma hipótese foi utilizada uma *ANOVA ONE-WAY* com o objectivo de verificar se existiam diferenças significativas entre os distritos em função da ideação suicida. Como a estatística nos demonstrou que existem diferenças significativas, foi utilizado o teste *Post-Hoc da comparação múltipla de médias de Tukey* que nos especifica entre que grupos se verificam essas diferenças. A terceira hipótese foi respondida na hipótese anterior. Foi também utilizada uma *ANOVA TWO-WAY* no que respeita a questão “Qual a importância da música para ti” e uma *MANOVA* e *ANOVA ONE-WAY* para a questão “Em que medida consideras que a música influencia...”.

É ainda de referir que foram considerados estatisticamente significativos os valores do p value menores ou iguais a 0.05. Foi utilizada a correlação de Spearman (visto estar a relacionar-se uma variável quantitativa e outra ordinal) para constatar se existe relação entre a ideação suicida e os itens da pergunta 2.

A categorização das preferências musicais foi realizada por estilos musicais com base nos critérios da FNAC (já anteriormente utilizado) e características das músicas de cada cantor ou grupo remetem, incluindo as letras, som e ritmo de forma a agrupá-las da forma mais assertiva e coerente possível (já descrito anteriormente).

Tabela nº 4: Médias dos adolescentes nos efeitos principais das variáveis sexo e idade na pergunta 1: “Qual a importância da música para ti?”

		Média
Sexo	Feminino	3,44
	Masculino	3,14
<i>F (1,188) = 10,310; p= 0,002</i>		
Idade	14 anos	3,13
	15 anos	3,40
	16 anos	3,30
<i>F (2,188) = 2,759; p= 0,066</i>		

Quanto ao efeito principal sexo, os resultados apresentam uma média mais elevada no sexo feminino, o que significa que as raparigas dão mais importância á música comparativamente aos adolescentes do sexo masculino (Anexo C, output 1)

No que respeita ao efeito principal da variável idade, verifica-se que não existem diferenças significativas em relação á importância da música.

Tabela nº 5: Média dos adolescentes nos efeitos principais a nível da variável distritos (Lisboa, Santarém e Faro) na pergunta 1: “Qual a importância da música para ti?”

	Média
Faro	3,20
Lisboa	3,40
Santarém	3,35

Os dados permitem-nos afirmar que não existem diferenças significativas ($p=0,261$), ou seja, o distrito não afecta significativamente os resultados da pergunta 1 (Anexo C, output 2).

Tabela nº 6: Frequência de respostas aos itens da pergunta 2: “ Para mim a música é...”

	Discordo Totalmente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo Totalmente
a) uma forma de comunicação	3	9	27	116	39
b) uma fonte de prazer	0	1	10	86	96
c) uma forma de preencher o vazio	4	7	25	92	64
d) sinónimo de barulho	70	104	11	8	0
e) parte da minha formação e vivência pessoal	2	11	48	82	49
f) uma fonte de inspiração	2	8	12	96	74
g) uma actividade que concilio com outras actividades/tarefas	1	8	19	105	59
h) dispensável no dia-a-dia	60	76	20	21	16
i) uma forma de exprimir as emoções	2	4	9	100	79
j) uma forma de chatear os pais	89	74	15	14	2
k) um meio de afirmação	12	16	75	73	18
l) uma forma de fugir da realidade	21	53	48	59	12

Podemos verificar que a frequência mais elevada de concordância se encontra no item: “uma fonte de prazer” seguindo-se “uma forma de exprimir emoções” e “uma fonte de inspiração”. É de salientar que a maioria dos adolescentes não concorda que a música seja “sinónimo de barulho” e “uma forma de chatear os pais”.

Tabela nº 7: Correlações entre os itens da pergunta 2 e a ideação suicida:

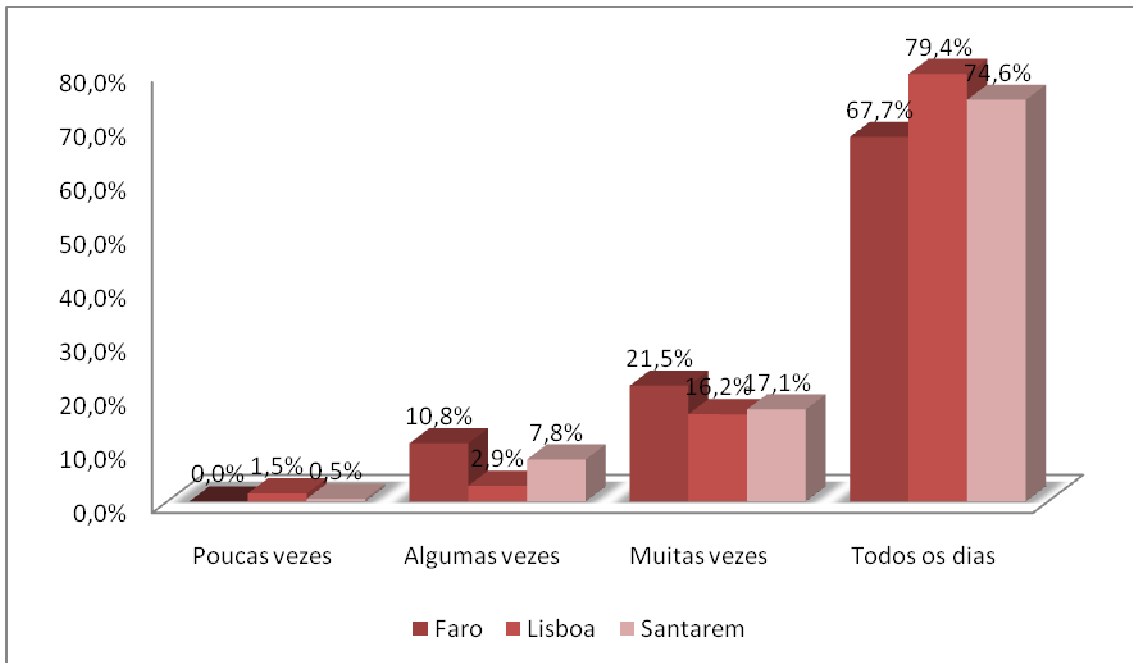
	Ideação suicida
a) uma forma de comunicação	0,882
b) uma fonte de prazer	0,982
c) uma forma de preencher o vazio	0,839
d) sinónimo de barulho	0,097
e) parte da minha formação e vivência pessoal	0,162
f) uma fonte de inspiração	0,531
g) uma actividade que concilio com outras actividades/tarefas	0,640
h) dispensável no dia-a-dia	0,299
i) uma forma de exprimir as emoções	0,253
j) uma forma de chatear os pais	0,979
k) um meio de afirmação	0,390
l) uma forma de fugir da realidade	0,365

*correlação significativa para $\alpha < 0,05$

** correlação significativa para $\alpha < 0,01$

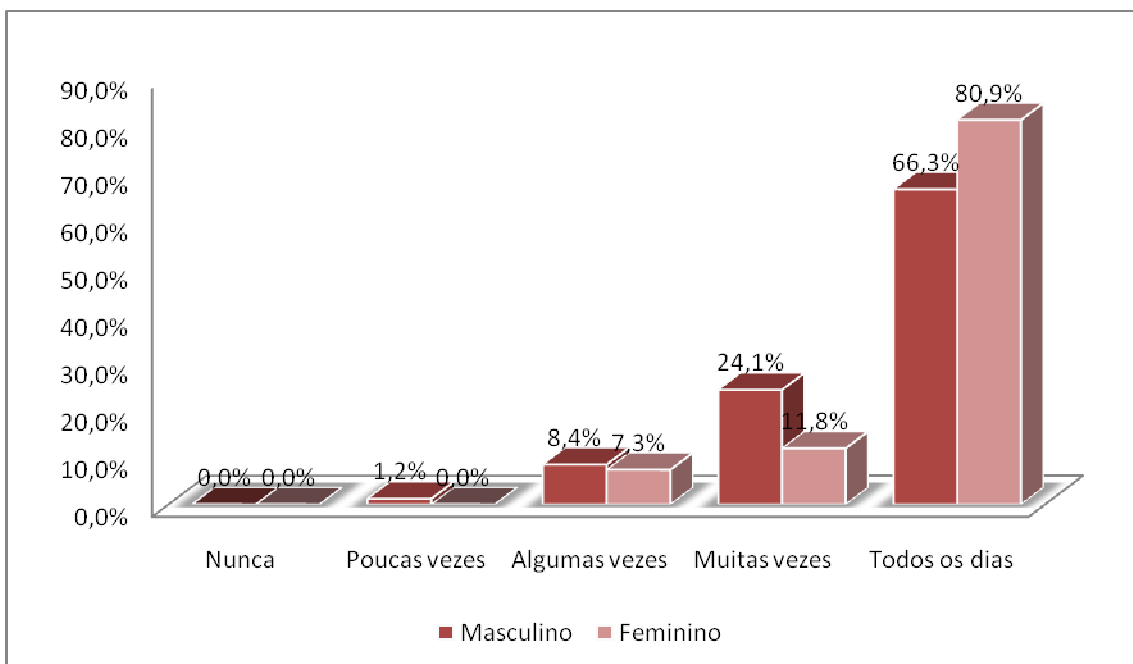
A tabela nº 7 permite-nos verificar que não existe qualquer correlação significativa entre o score de ideação suicida e qualquer um dos itens da pergunta 2 (porque não existe nenhum *p-value* inferior ou igual a 0,05). Pode-se concluir que os coeficientes de correlação são todos de intensidade fraca, a maior parte deles quase nula.(Anexo D, output 3)

Gráfico nº 1: Frequência com que os adolescentes dos três distritos decidem ouvir música



Observa-se neste gráfico que Lisboa é o distrito onde se ouve música com mais frequência não existindo grandes diferenças entre os distritos.

Gráfico n° 2: Frequência com que os adolescentes de ambos os sexos decidem ouvir música.



Podemos verificar através do gráfico que as raparigas são as que ouvem música com mais frequência, ouvindo a maioria, todos os dias. É de salientar que nenhum adolescente respondeu que “nunca” ouve música e apenas 1,2% dos rapazes ouvem “poucas vezes”.

Tabela nº 8: Frequência dos locais onde habitualmente os jovens ouvem música:

	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
a) Em casa, no quarto	1	5	13	60	113
b) em qualquer outra parte da casa	4	30	56	68	33
c) na casa de amigos (as)	4	32	73	66	15
d) Discotecas	29	23	40	28	72
e) bares	17	26	49	35	65
f) concertos	9	42	41	29	70

Pode concluir-se através desta tabela que o local preferencial dos adolescentes para ouvir música é “em casa, no quarto”, seguindo-se nos “concertos” e “bares”. Podemos ainda concluir que o local menos citado foi “na casa de amigos (as)”.

Tabela nº 9: Médias dos adolescentes nos efeitos principais das variáveis sexo e idade nos itens da pergunta 5: “Em que medida consideras que a música influencia...”

		Média	
... o teu comportamento	Sexo	Feminino	1,86
		Masculino	1,85
	Idade	14	1,97
		15	1,79
		16	1,87
Sexo: $F(1,187) = 0,088$; $p = 0,766$		Idade: $F(2,187) = 0,565$; $p = 0,569$	
...a forma de pensar	Sexo	Feminino	2,27
		Masculino	2,32
	Idade	14	2,47
		15	2,20
		16	2,32
Sexo: $F(1,187) = 0,085$; $p = 0,771$		Idade: $F(2,187) = 0,905$; $p = 0,406$	

...o teu aspecto visual	Sexo	Feminino	1,06
		Masculino	1,31
	Idade	14	1,28
		15	1,15
		16	1,14
Sexo: $F(1,187) = 3,066; p = 0,082$		Idade: $F(2,187) = 0,390; p = 0,678$	
...a tua forma de sentir	Sexo	Feminino	2,63
		Masculino	2,38
	Idade	14	2,50
		15	2,58
		16	2,47
Sexo: $F(1,187) = 2,616; p = 0,107$		Idade: $F(2,187) = 0,174; p = 0,840$	
...a tua personalidade	Sexo	Feminino	1,75
		Masculino	1,94
	Idade	14	2,03
		15	1,79
		16	1,79
Sexo: $F(1,187) = 0,954; p = 0,330$		Idade: $F(2,187) = 0,438; p = 0,646$	
...o teu humor	Sexo	Feminino	2,85
		Masculino	2,36
	Idade	14	3,06
		15	2,47
		16	2,64
Sexo: $F(1,187) = 6,206; p = 0,014$		Idade: $F(2,187) = 3,021; p = 0,051$	

A MANOVA revelou que o factor “sexo” teve um efeito significativo sobre o compósito multivariado (Traço de Pillai= 0,09; $F = 3,013$; $p = 0,008$). Relativamente ao factor “idade”, o efeito observado não é significativo (Traço de Pillai= 0,078; $F = 1,243$; $p = 0,252$).

Finalmente a interacção entre os factores não teve um efeito estatisticamente significativo sobre os itens da pergunta 5 (Traço de Pillai= 0,067; $F = 1,051$; $p = 0,401$) (Anexo C, output 4). Observada a significância multivariada dos factores “sexo” e “idade”, procedeu-se à ANOVA univariada para cada uma das variáveis dependentes. Através destes dados, podemos verificar que em relação ao efeito principal da variável sexo, a média do sexo feminino é mais elevada no que respeita ao item 5f (“a música influencia o teu humor”) em relação ao masculino. Podemos concluir que estatisticamente existem diferenças significativas na pergunta 5 (a, b, c, d, e, f) em função do sexo, ou seja, o sexo afecta significativamente os scores da pergunta 5f ($p = 0,014$). Nas restantes alíneas (a, b, c, d, e) não existem diferenças significativas. (Anexo C, output 4)

Podemos também verificar que não existem diferenças das médias das idades dos adolescentes em relação aos itens da pergunta 5, contudo, é de salientar que no item 5f se encontra muito perto do grau de significância estabelecido ($p = 0,051$).

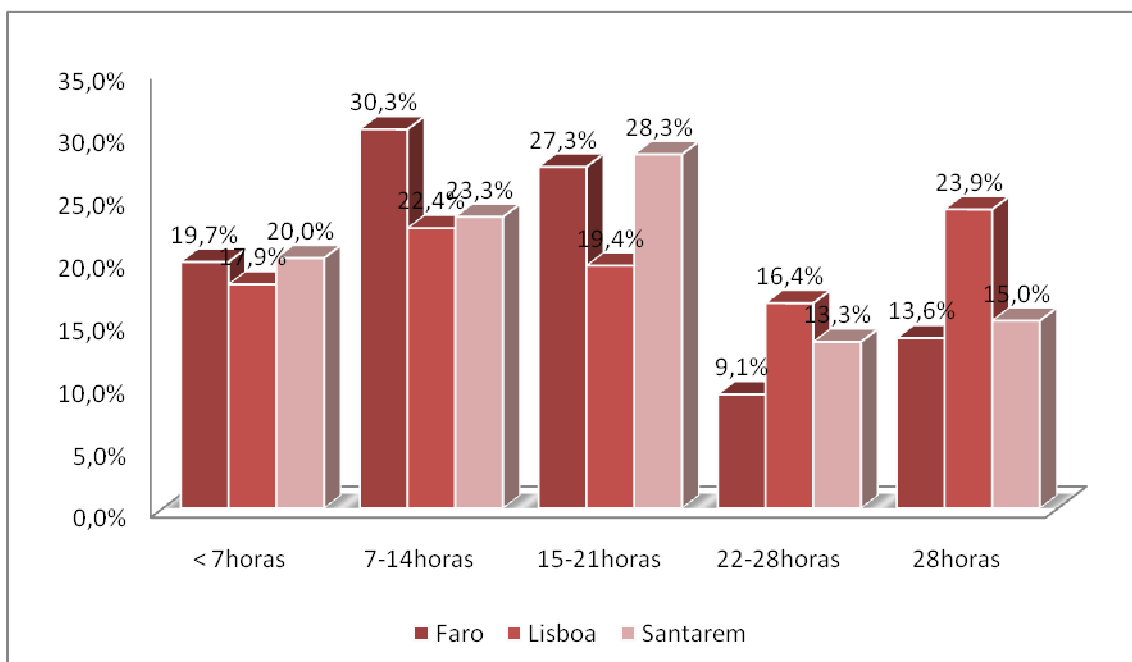
No que respeita à interação, esta existe nos itens 5c (“...o teu aspecto visual”) ($p= 0,046$) e 5e (“...a tua personalidade”) ($p= 0,047$), encontrando-se o item 5a (“...o teu comportamento”) muito perto ($p= 0,051$). (Anexo C, output 4)

Tabela nº 10: Médias dos adolescentes nos efeitos principais da variável distritos (Lisboa, Santarém e Faro) nos itens perguntam 5: “Em que medida consideras que a música influencia...”

Médias			
	Faro	Lisboa	Santarém
...o teu comportamento	1,64	1,87	2,07
...a forma de pensar	2,39	2,19	2,30
...o teu aspecto visual	1,26	1,13	1,11
...a tua forma de sentir	2,56	2,43	2,58
...a tua personalidade	2,03	1,76	1,69
...o teu humor	2,47	2,69	2,75

Podemos observar que não existem diferenças significativas (Anexo C, output 5), ou seja, o distrito não afecta significativamente nenhum dos scores da pergunta 5.

Gráfico nº 3: Percentagem por distrito das horas por semana que os adolescentes dedicam a ouvir música.



Podemos observar neste gráfico que os adolescentes de Lisboa são os que gastam mais horas a ouvir música, seguindo-se os adolescentes de Santarém e por último os de Faro.

Quando questionados “ Quando estás triste tens por hábito ouvir música?” a maioria dos adolescentes dos três distritos responderam que sim.

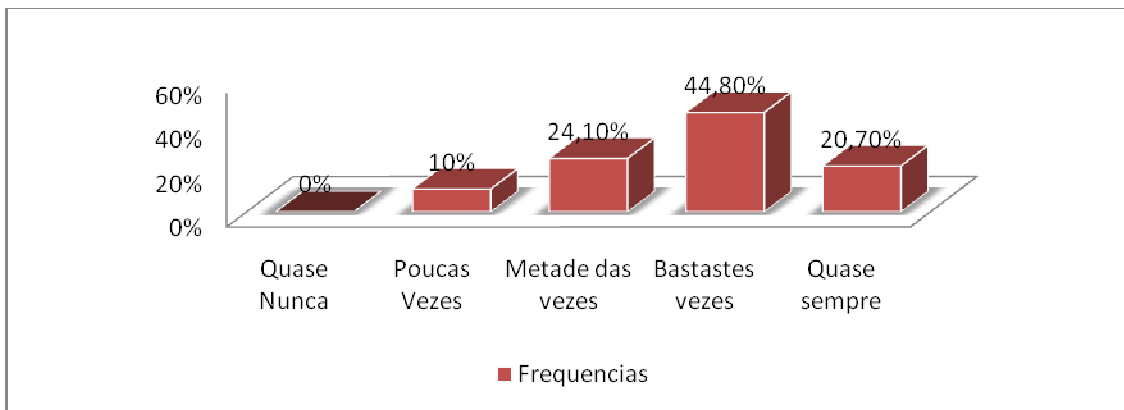
No distrito de Lisboa, apenas 11 não têm (1 de 14 anos, 5 de 15 e 16 anos). Verificando os motivos que leva os jovens a ouvir música quando estão tristes, tendo em conta a idade, os mais novos referem com mais frequência que: os “*acalma*”; “*relaxa*” e os faz “sentir melhor”. Podemos concluir que estes jovens ouvem com o objectivo de se sentirem melhor, para alcançarem sentimentos mais positivos. Os adolescentes de 15 anos justificam de um modo mais diversificado encontrando-se no topo da lista: “*Anima/Alegria*”, seguindo-se “*Ajuda-me/faz pensar*”; “*forma de distrair*” e “*Relaxa*” entre outras. No que respeita aos de 16 anos existem menos diferenças significativas encontrando-se por ordem: “*faz pensar*”; “*anima-me*” entre outras como “*esquecer os problemas*” e “*abstrair-me do que me rodeia*”.

A grande parte dos jovens deste distrito têm por hábito ouvir música quando se sentem tristes e enquanto os mais novos o fazem na busca de calma e relaxamento os mais velhos dividem-se entre a procura de um estado mais satisfatório e contrário ao que estão a sentir. Por um lado ajuda a pensar e por outro, uma forma de distração e fuga aos problemas que por alguma razão são motivo de tristeza.

Quando questionados pelo tipo de música que ouvem quando estão tristes os mais novos ouvem “*todo o tipo de música*” entre elas: “*músicas calmas*” e “*tristes*”, os de 15 e 16 anos destacam em maior número as “*músicas calmas*”. Outros tipos também citados pelos de 15 anos foram: “*todo o tipo de música*” seguidamente o “*rock*” e a “*música alegre*”. Os de 16 anos tal como os anteriores também ouvem o “*rock*” e música “*alegre*”.

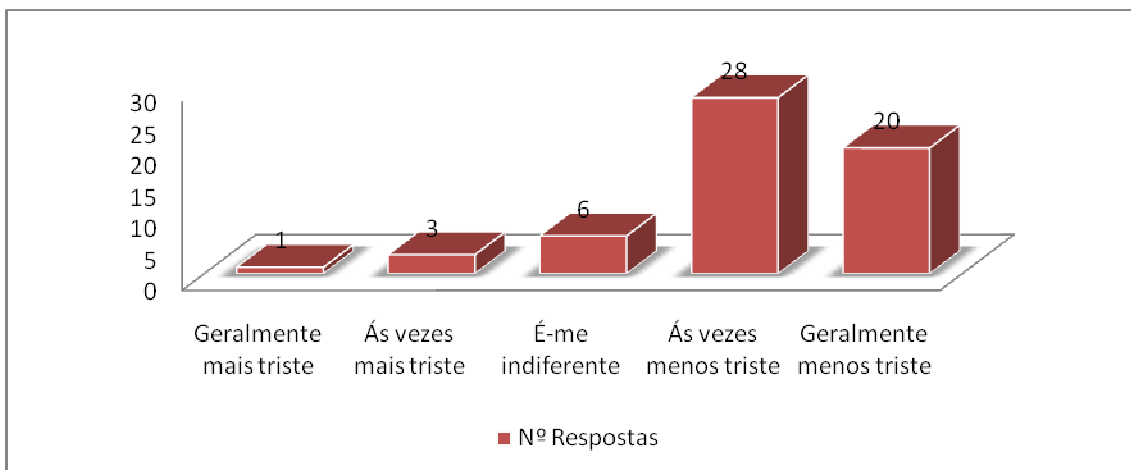
Podemos concluir que estes adolescentes quando se sentem tristes procuram músicas calmas que vão de encontro ao “porquê” de ouvirem música quando estão tristes. Procuram que a música sirva de instrumento para que o estado de tristeza passe. Alguns ouvem música mais ritmada como o “rock” e alegre na esperança que esta possa mudar o seu estado emocional.

Gráfico n° 4: Percentagem com que ouvem este tipo de música:



Quando questionados com que frequência ouvem este tipo de música quando estão tristes, a maioria dos adolescentes ouve entre “metade das vezes” e “bastantes vezes”.

Gráfico n° 5: Frequência de respostas à questão: “Quando estás triste como te sentes depois de ouvires música?”

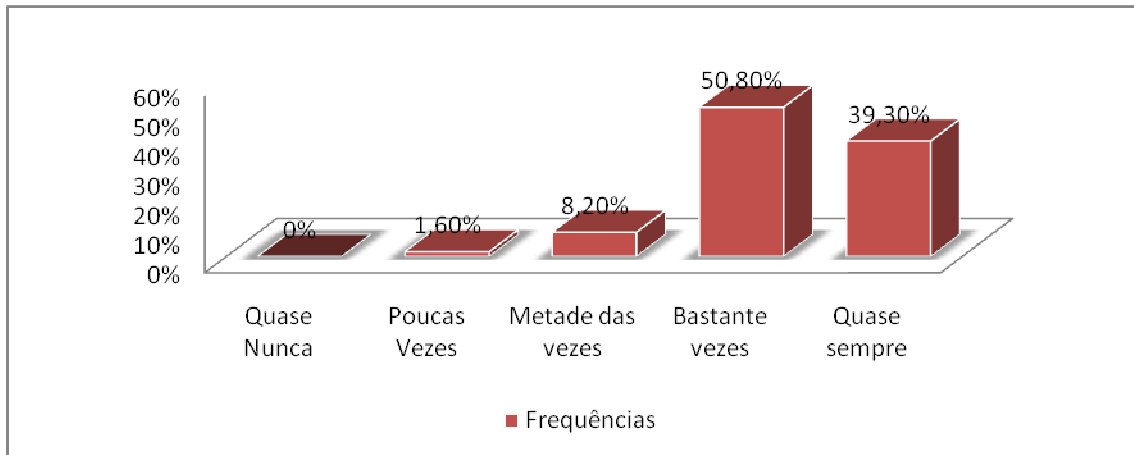


Podemos observar que a maioria dos adolescentes sentem-se “às vezes menos tristes”.

Quando estão contentes os adolescentes do distrito de Lisboa ouvem na sua maior parte “*todo o tipo de música*”mas analisando um pouco por idades, os jovens de 14 anos dividem-se entre “*todo o tipo de música*”; “*música alegre*” e “*reaggae*”. Apesar de um maior número de adolescentes de 15 anos preferir vários géneros musicais a diferença não é significativa para a segunda preferência:”*música com ritmo/mexida*” e na 3ª posição aparece

mais uma vez o “rock”. Os mais velhos dão preferência ao “rock” aparecendo de seguida a “música alegre” e mais uma vez “todo o tipo de música”.

Gráfico n° 6: Frequência com que ouvem este tipo de música quando estão contentes.



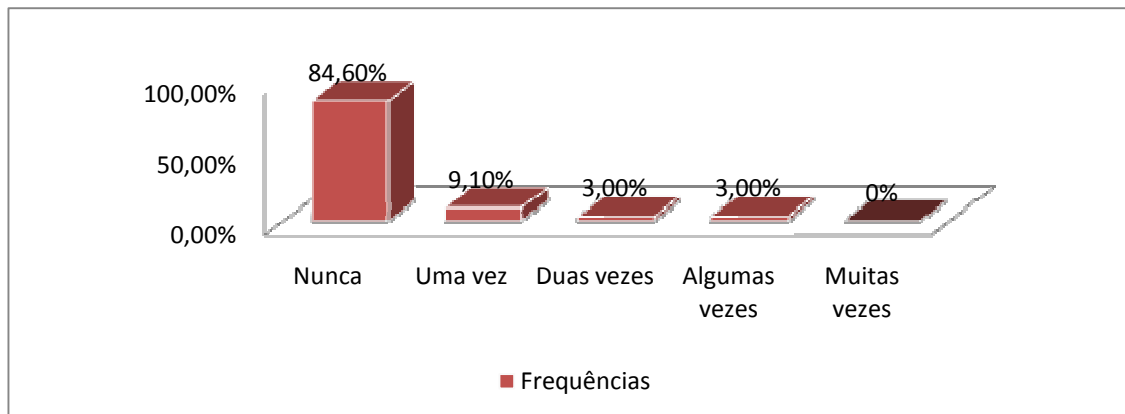
Quando questionados com que frequência ouvem este tipo de música quando estão contentes, mais de 50% responderam “bastantes vezes”. A maior parte dos adolescentes responderam “bastantes vezes” e “quase sempre”.

Tabela n° 11: Frequência de respostas ao item: “Quando estás contente como te sentes depois de ouvires música?”:

Geralmente mais contente	Às vezes mais contente	É-me indiferente	Às vezes menos contente	Geralmente menos contente
26	25	12	0	0

A maioria dos adolescentes quando está contente sente-se “às vezes mais contente” (39,7%) e “geralmente mais contente” (41,3%). É de salientar que nenhum adolescente fica menos contente.

Gráfico nº 7: Percentagem de respostas ao item: “Já alguma vez pensaste em suicídio enquanto ouvias música?”



A grande maioria dos adolescentes nunca pensou no suicídio enquanto ouvia música, contudo, apesar de uma percentagem baixa, quase 10% (da amostra) dos adolescentes do distrito de Lisboa já pensaram no suicídio enquanto ouviam música.

A média de adolescentes que já pensaram no suicídio enquanto ouviam música do distrito de Lisboa é de 0,24.

Para os que responderam que sim, foi questionado que tipo de música estavam a ouvir quando tiveram esse pensamento. Responderam: um de 14 anos, 4 de 15 e 3 de 16 anos. O adolescente mais novo respondeu que só pensou uma vez e que estava a ouvir uma “balada”; dos de 15 anos, um já pensou “algumas vezes” enquanto ouvia “punk e hardcore”, outro “música clássica” e outro “música calma e ligeira”. Dos jovens de 16 anos, os três pensaram em suicídio enquanto ouviam música mais pesada, nomeadamente: “Punk”; “Gothic” e “Metal”.

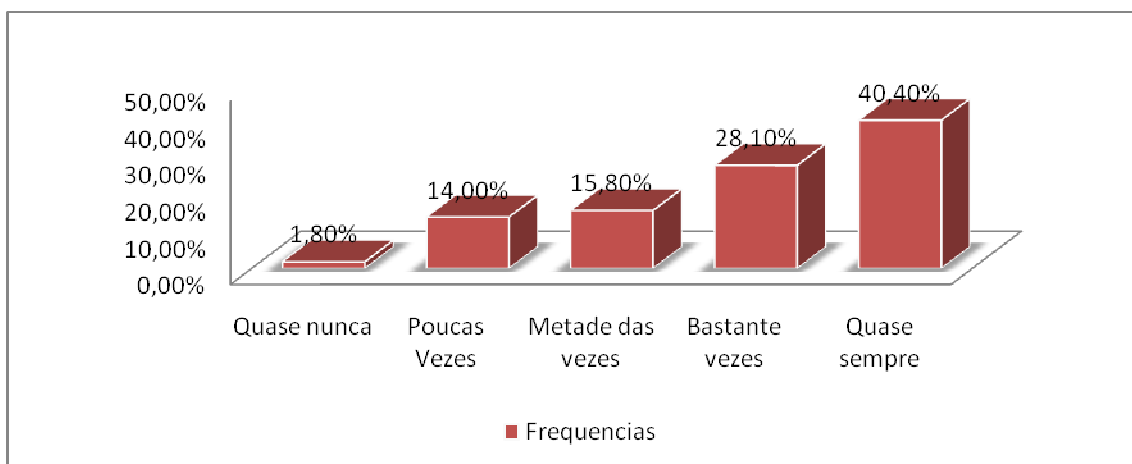
Os adolescentes mais velhos que já pensaram em suicídio enquanto ouviam música estavam a ouvir música mais pesada, mais agressiva tanto a nível de som como as letras das músicas e mais melancólicas.

A maioria dos adolescentes do distrito de Santarém têm por hábito ouvir música quando estão tristes. Dos jovens de 14 anos, todos ouvem, dos 15 anos apenas 4 não têm esse hábito e os de 16 anos só 1 não ouve música quando está triste.

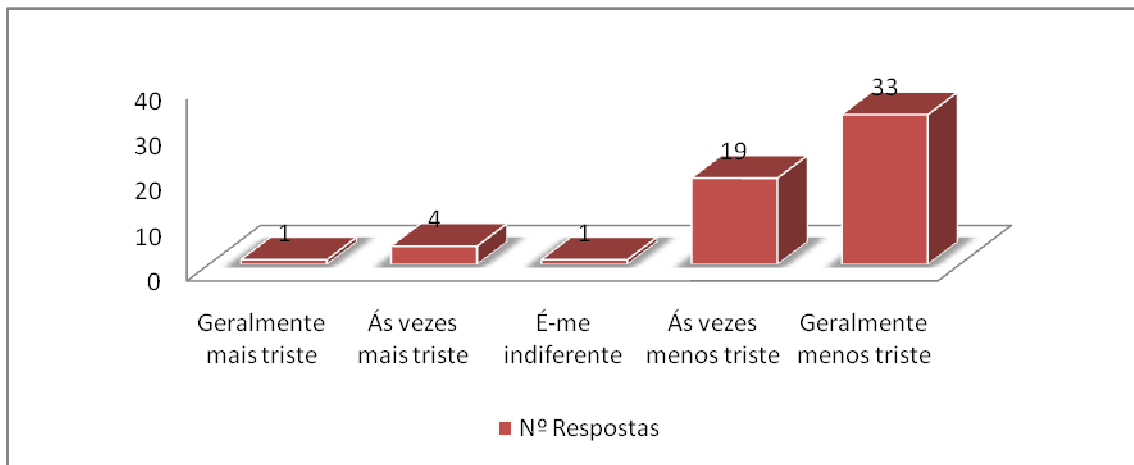
Quando questionados do “porquê” de escutarem música quando se sentem tristes, a justificação não varia muito com a idade. Os jovens mais novos ouvem música na maioria porque os “faz pensar na vida”; “anima” e “descontra”. Os adolescentes de 15 e 16 anos também não varia muito citando também e com mais frequência: “sentir bem/melhor” seguindo-se o mesmo dos mais novos e “reflectir”; “relaxa” e “acalma”.

Em relação ao tipo de música que os adolescentes escutam quando se sentem tristes, a preferência não varia muito com a idade encontrando-se na primeira escolha a “música calma” encontrando-se na mesma posição o “rock” nos jovens de 15 anos, aparecendo no entanto em posições seguintes nas duas idades. Os restantes tipos de música mencionados são: “vários tipos de música” (mencionados nos jovens de 14 e 16 anos); “Hip Hop” (como segunda preferência dos jovens de 15 e 16 anos); “Rap e Clássica” (15 anos); “Pop-Rock e Rock” (16 anos). Parece que existe com maior frequência neste distrito a busca de um tipo de música mais mexida e alegre que talvez se possa associar a uma vontade de inverter o sentimento de tristeza, com o objectivo de atingir prazer esquecendo o estado em que se encontram.

Gráfico n° 8: Percentagem com que ouvem este tipo de música quando estão tristes.

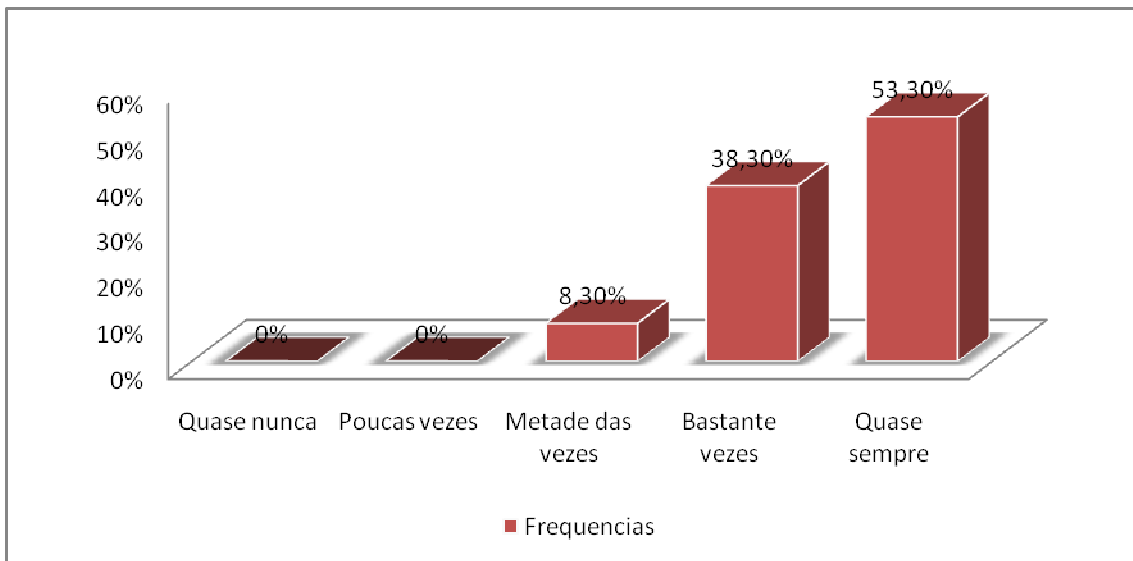


Questionados com que frequência ouvem este tipo de música quando estão tristes, mais de metade respondeu entre “bastantes vezes” e “quase sempre”.

Gráfico n° 9: Frequência de como se sentem depois de ouvirem música, quando estão tristes

Quando estão tristes, mais de metade dos adolescentes sentem-se “às vezes menos triste” ou “geralmente menos triste” depois de ouvirem o tipo de música que citaram. Comparativamente aos outros distritos, Santarém é o distrito onde os adolescentes se sentem menos tristes.

Quando estão contentes, os jovens não variam muito nas suas preferências no que respeita á idade. Os adolescentes de 14 e 15 anos referem em maior número o “rock”. Para os de 14 anos segue-se o “Punk” e “Hip Hop” com menos votos enquanto para os de 15 anos e depois do “Rock”, segue-se o “Hip Hop” e menos citado como preferência o “Pop”. No que respeita aos adolescentes mais velhos, a maioria diz que são “vários” os tipos de música que ouvem encontrando-se de seguida o “Hip Hop” e depois o “Rock”. Todos mencionam o “Rock” como estilo musical que ouvem o que acontece tanto quando se sentem tristes ou contentes, contudo, é mais frequente quando estão “bem-dispostos”.

Gráfico nº 10: Percentagem com que ouvem este tipo de música quando estão contentes

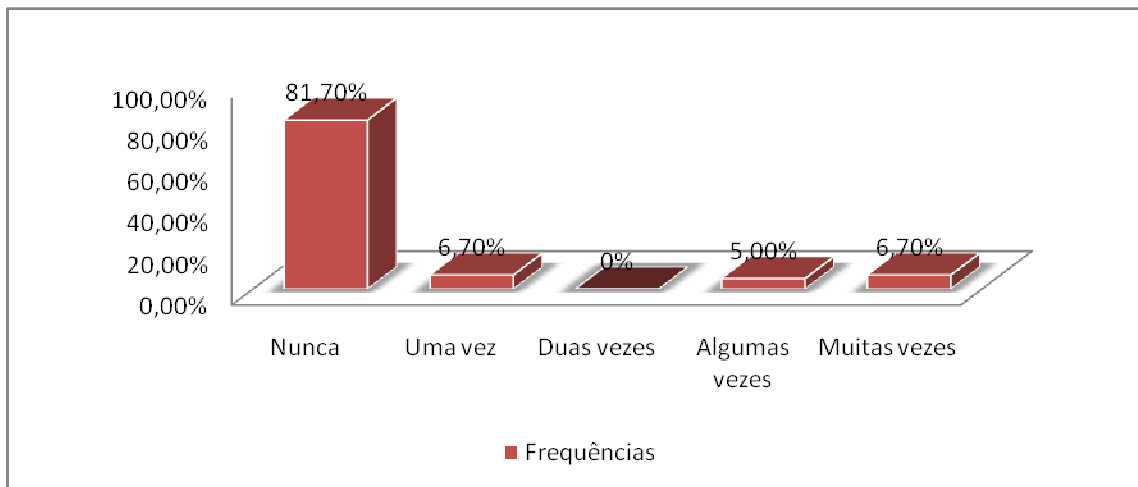
Quando questionados com a frequência com que ouvem este tipo de música quando estão contentes, a maioria dos adolescentes ouvem “bastantes vezes” ou quase sempre”. É o distrito onde um maior número de adolescentes ouve música quando está contente.

Tabela nº 12: Frequência de respostas à questão: “Quando estás contente como te sentes depois de ouvires música?”

Geralmente mais contente	Às vezes mais contente	É-me indiferente	Às vezes menos contente	Geralmente menos contente
34	12	12	0	1

Podemos verificar que mais de 50% dos adolescentes respondeu “geralmente mais contente”.

Gráfico nº 11: Percentagem de respostas ao item: “Já alguma vez pensaste em suicídio enquanto ouvias música?”



Podemos constatar pelo gráfico que a maioria dos adolescentes do distrito de Santarém nunca pensou em suicídio enquanto ouviam música. No entanto e comparativamente ao distrito de Lisboa, a percentagem aumenta, nomeadamente a quantidade de vezes que já pensaram em suicídio enquanto ouviam música. Enquanto no distrito de Lisboa apenas 10% já pensaram pelo menos uma vez, em Santarém aumenta para 18,4%. São em maior número os que já pensaram mais vezes (“*muitas vezes*”).

A média de adolescentes que já pensaram no suicídio enquanto ouviam música do distrito de Santarém é de 0,48.

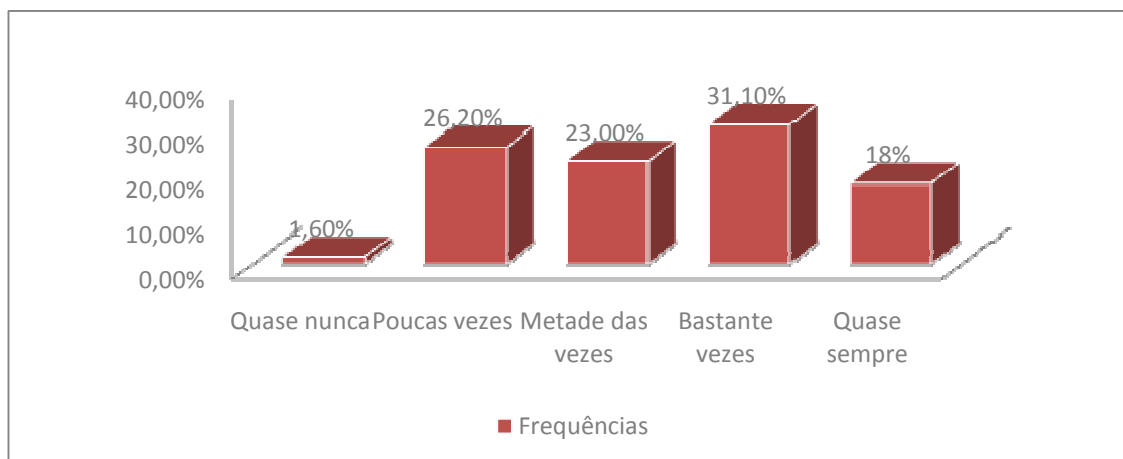
Quando questionados pelo tipo de música que estavam a ouvir quando pensaram em suicídio, o som varia um pouco. Os adolescentes de 14 anos nunca pensaram em suicídio, os 2 adolescentes de 15 anos estavam a ouvir “*Punk e Alternativa*” (o que pensou algumas vezes) e o outro estava a ouvir “*Metallica*”. Ambos estavam a ouvir música com uma sonoridade mais agressiva. Os adolescentes de 16 anos, três deles só pensaram uma vez e o tipo de música foi: “*Calma*”; “*Triste*” e “*Balada*” que acabam por se associarem, nomeadamente a música calma e triste, já anteriormente citada nos momentos em que estão tristes e ouvem música. Os restantes, um pensou algumas vezes também enquanto ouvia “*Baladas*” e três pensaram muitas vezes enquanto ouviam: “*Metal*” (dois deles) e “*Tool*”. Mais uma vez, a música mais agressiva tanto a nível de som como de letras.

No distrito de Faro, 8 adolescentes não têm por hábito ouvir música quando estão tristes (1 de 14 anos, 3 de 15 anos e 4 de 16 anos). Quando justificam porque ouvem, não fogem muito do que já foi referido nos outros distritos. Um dos adolescentes mais novos que não tem este hábito justifica-o: “porque fico ainda mais triste...”os restantes, dividem-se entre:”Ajuda a pensar”; “Não pensar nos problemas/desanuviar”; “Anima” e “sentir melhor”.

Os jovens de 15 anos citaram praticamente as mesmas mas em maior número o facto de se “sentirem melhor” o segundo motivo mais referido foi “faz pensar” e em terceiro, “não pensar nos problemas” e “distrain”. Os mais velhos, a justificação para o hábito de ouvirem música quando estão tristes é preferencialmente a “ajuda desta para não pensar nos problemas” depois para se “sentirem melhor” e ainda as mais citadas de um modo geral: “pensar na vida”; “anima” e “descontraí”.

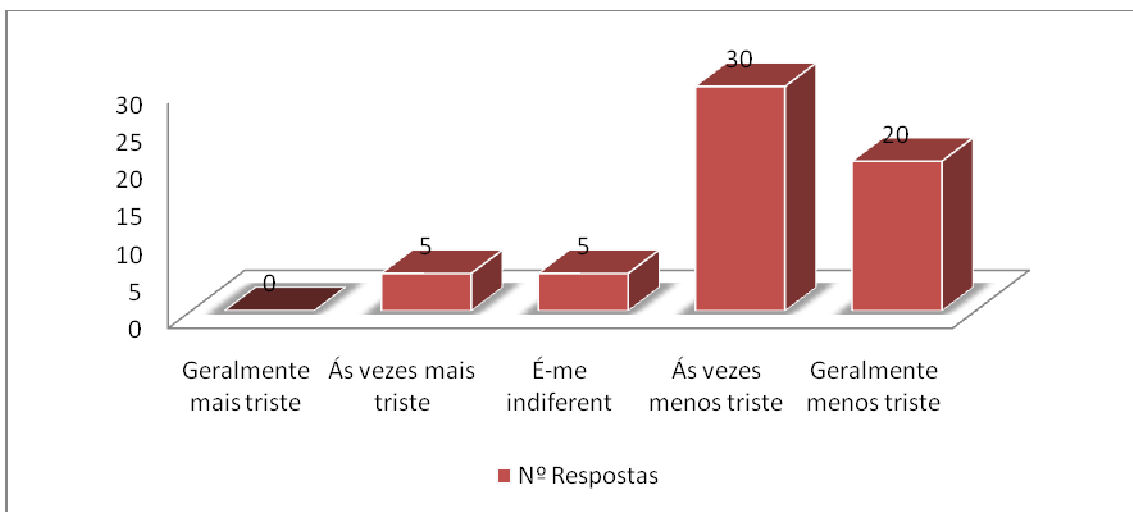
O tipo de música mais ouvido por todas as idades e paralelamente aos outros distritos é a música “calma”. Os mais novos nomeiam seguidamente o “Rock”; “todo o tipo de música” e em terceiro de preferência “Hip Hop”. Os jovens de 15 anos citaram em maior número (depois da música calma) o “Rock” com o mesmo número de preferência que a música “Romântica” e só depois o “Hip Hop” e “todo o tipo de música”. Os mais velhos, logo a seguir á música calma, encontra-se o “Reggae” e só depois o “Rock”, “Pop” e a “música acústica”.

Gráfico n° 12: Percentagem com que ouvem este tipo de música quando estão tristes



Quando questionados pela frequência com que ouvem este tipo de música quando estão tristes, a maioria dos adolescentes responderam entre “poucas vezes” a “bastantes vezes”. É de salientar que os jovens deste distrito não ouvem música quando estão tristes com tanta frequência comparativamente aos restantes.

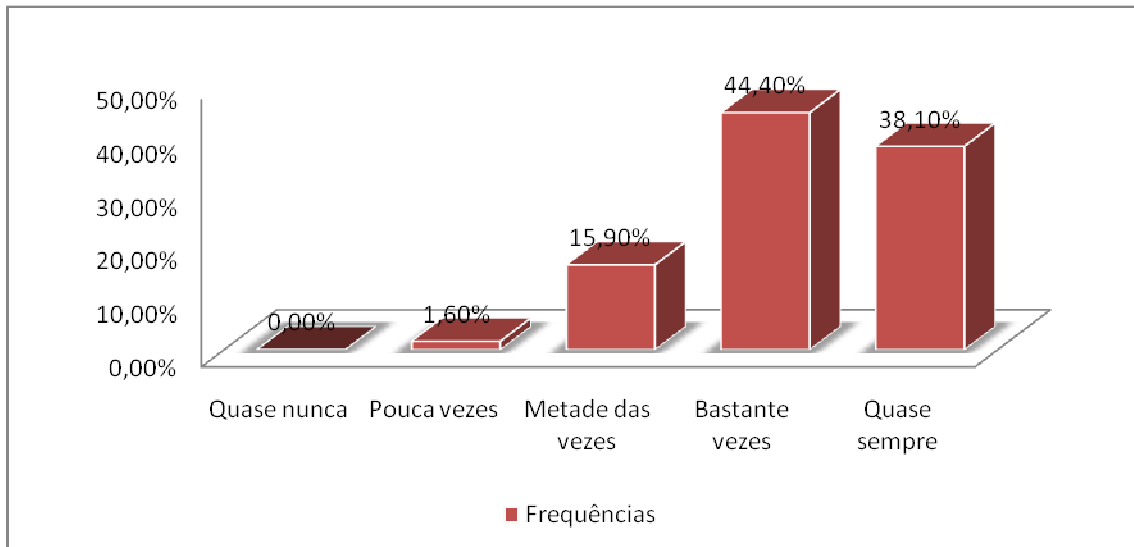
Gráfico n° 13: Frequência de como se sentem depois de ouvirem música, quando estão tristes



Depois de ouvirem música quando estão tristes, a maioria dos adolescentes de Faro sentem-se entre “às vezes menos triste” e “geralmente menos tristes”.

Quando estão contentes os adolescentes mais novos ouvem preferencialmente “música alegre/animada”; “qualquer tipo de música”; “Rock” e “Hip Hop”. Os adolescentes de 15 anos preferem o “Rock”; “todo o tipo de música” e de novo a “música alegre/animada”. Por último os mais velhos que ouvem “todo o tipo de música”; “Rock”; “Pop” e “Hip Hop” entre outras.

Gráfico n° 14: Percentagem com que os jovens ouvem este tipo de música quando estão contentes



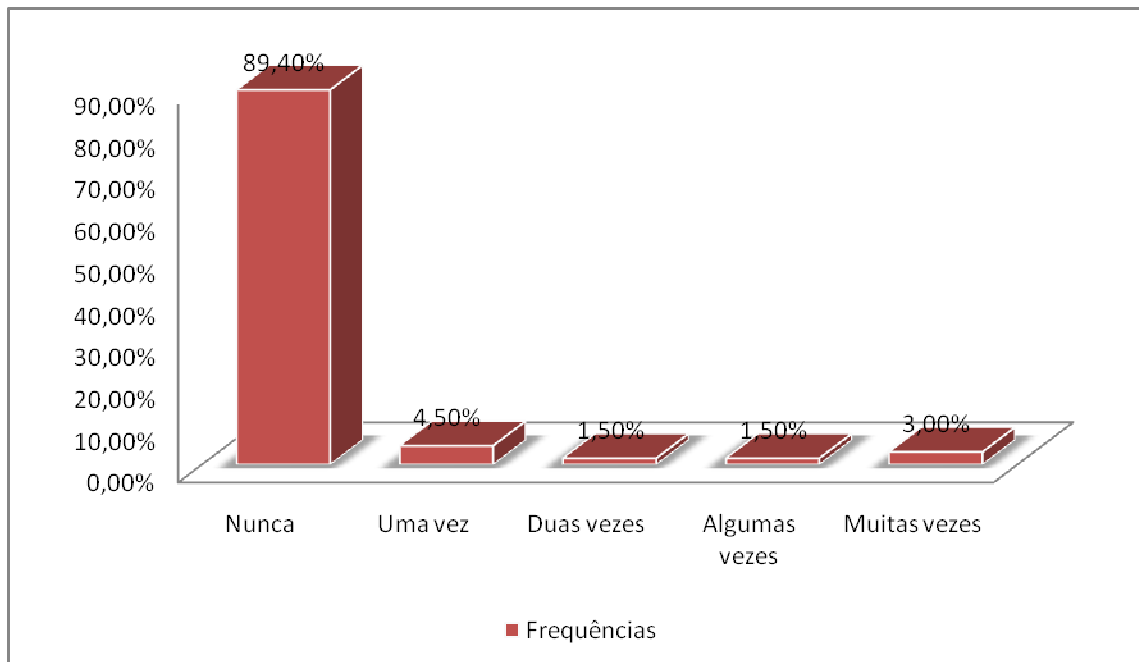
A frequência com que os jovens ouvem o tipo de música que mencionaram quando estão contentes é maioritariamente “bastantes vezes” e “quase sempre”.

Tabela n° 13: Frequência de respostas à questão: “Quando estás contente como te sentes depois de ouvires música?”

Geralmente mais contente	Às vezes mais contente	É-me indiferente	Às vezes menos contente	Geralmente menos contente
31	22	9	0	1

Relativamente a esta questão a maioria dos adolescentes sentem-se “geralmente mais contentes” e “às vezes mais contentes” após ouvirem música.

Gráfico nº 15: Percentagem de respostas ao item: “Já alguma vez pensaste em suicídio enquanto ouvias música?”



Podemos verificar que a maioria dos adolescentes, tal como nos restantes distritos, nunca pensou em suicídio, apenas 10,5% já pensaram pelo menos uma vez. Observando apenas aqueles que já pensaram podemos reparar que as maiores percentagens se encontram nas extremidades, ou seja, ou pensaram apenas “*uma vez*” ou “*muitas vezes*” tal como no distrito de Santarém mas menos acentuado.

A média de adolescentes que já pensaram no suicídio enquanto ouviam música do distrito de Faro é de *0,24*, curiosamente, a mesma média de Lisboa.

Quando questionados que tipo de música estavam a ouvir quando pensaram em suicídio, os adolescentes de Faro foram os menos diversificados no que respeita ao tipo de música que estavam a ouvir. Apenas um jovem de 14 anos respondeu que já tinha pensado “*muitas vezes*” mas não citou nenhum estilo musical. A maioria dos adolescentes que já pensaram têm 15 anos e aconteceu “*uma vez*”, citando: “*Blues*”; “*Hunt*”; “*Portuguesa*”. Não existe qualquer associação entre o que ouviam (como nos distritos anteriores) e não conseguimos identificar “*Hunt*”, nem como estilo nem como banda, desconhecendo totalmente o que o adolescente estaria a ouvir. Um outro adolescente de 15 anos, já pensou “*muitas vezes*” em suicídio enquanto ouvia “*música romântica*”. Podemos associar este tipo de música a outros já citados como a música calma e triste. Nos adolescentes de 16 anos,

apenas um já pensou em suicídio, “duas vezes” e estava a ouvir música “calma” e “triste” que vai de encontro aos tipos de música já citados.

Tabela nº 14: Médias dos adolescentes nos efeitos principais a nível das variáveis sexo e idade na Ideação Suicida

		Média
Sexo	Feminino	0,7076
	Masculino	0,3536
$F(1,174) = 7,274; p = 0,008$		
Idade	14 anos	0,4736
	15 anos	0,5026
	16 anos	0,6329
$F(2,174) = 0,794; p = 0,454$		

Quanto ao efeito principal da variável sexo, os resultados apresentam uma média mais elevada no sexo feminino, quase o dobro do que nos rapazes em relação á ideação suicida. Pode concluir-se que as raparigas têm mais ideação suicida comparativamente aos rapazes (Anexo C, output 6).

No que respeita ao efeito principal da variável idade, os resultados não apresentam diferenças significativas no que respeita á ideação suicida.

Tabela nº 15: Médias dos adolescentes nos efeitos principais a nível da variável estilos musicais (Pop-Rock; Punk; Rap/Hip-Hop; Portuguesa; Outros e Soul/Funk) na Ideação Suicida

	N	Média
Pop-Rock	59	0,5638
Punk	34	0,6382
Rap/Hip-Hop	25	0,5173
Portuguesa	16	0,6396
Outros	13	0,5128
Soul/Funk	10	0,3667

Total	157	0,5635
-------	-----	--------

Podemos verificar que não existem diferenças entre as médias dos grupos. Como as amostras são inferiores vemos o p do *Shapiro-Wilk* (nas superiores a 50 é no *Kolmogorov-Smirnov*) o pressuposto da Normalidade. Este teste diz-nos que não podemos usar um teste paramétrico (Anexo C, output 7), logo, o teste utilizado foi o *Kruskall-Wallis*. Podemos concluir com os dados obtidos que não existem diferenças significativas ($p=0,594$), ou seja, o estilo musical não afecta significativamente os scores da ideação suicida.

Tabela nº 16: Médias dos adolescentes nos efeitos principais a nível da variável distritos (Lisboa, Santarém e Faro) na Ideação Suicida

	N	Média
Faro	59	0,5565
Lisboa	64	0,3411
Santarém	57	0,7848

Constata-se nos resultados que existem diferenças significativas ($p=0,015$), ou seja, o distrito afecta significativamente os scores da ideação suicida (Anexo C, output 8). Como o teste utilizado (*Anova One-Way*) só nos diz que existem diferenças significativas mas não nos diz em quais, temos que recorrer ao *teste da comparação múltipla de médias de Tukey (teste Post-Hoc)*.

Este teste permite afirmar que existem diferenças significativas somente entre os distritos de Lisboa vs Santarém ($p=0,011$). Podemos concluir que é Santarém quem tem o score significativamente mais elevado de ideação suicida em relação a Lisboa.

DISCUSSÃO

No que diz respeito á importância da música, verificou-se no presente estudo que são as raparigas quem mais dá importância à música comparativamente aos rapazes, o que vai de encontro aos resultados de estudos anteriores, nomeadamente o de Borralho (2002). Não se verificou a existência de diferenças significativas relativamente aos distritos e às idades, contudo são os jovens do distrito de Lisboa e os jovens de 15 anos os que dão maior importância à música. Ainda sobre os adolescentes de Lisboa são estes os que passam mais tempo a ouvir música o que pode estar associado ao facto dos mesmos atribuírem uma maior importância à música quando em comparação aos restantes distritos.

No que diz respeito ao significado da música e à ideação suicida é de salientar a inexistência de correlações, sendo os coeficientes de correlação a maior parte deles quase nulos, o que sugere não haver relação entre estas variáveis, o que não vai de encontro à literatura pesquisada. Borralho (2002) verificou no que respeita aos rapazes, correlações na música como uma forma de preencher o vazio e como uma forma de fugir da realidade. Contudo, o presente estudo demonstra que a maioria dos adolescentes concorda que a música *é uma fonte de inspiração e uma forma de exprimir as emoções*, o que vai de encontro à conceptualização de Ruud (1986) quando defende que a música pode ser vista como um reflexo das emoções, pois, no fundo, esta pode ser uma forma de transmitir o que se sente, nomeadamente os medos, angústias e alegrias. Neste sentido, a maioria dos adolescentes concordam que a música seja uma representação das emoções, por um lado pode servir como suporte emocional, por outro pode servir como uma “desordem” emocional. No fundo, a música na adolescência pode ser pensada como um meio de expressar ou partilhar emoções, onde se valoriza o prazer, o divertimento e as relações afectivas. Para Scheel e Westfeld (1999) ouvir música parece associar-se, a um estado emocional positivo. Verificou-se também que a maioria dos jovens olham para a música como *uma fonte de prazer* que pode estar associado ao facto de a mesma permitir ao adolescente expressar o que sente podendo ser catártico para o mesmo e ser responsável por um certo bem-estar e aí o prazer atribuído. Abreu (2000) entre outros autores, consideram a música como sinónimo de divertimento, descontração e prazer a sós ou entre amigos.

Na questão referente à influência da música, tendo em conta os distritos, é interessante verificar que não existem diferenças significativas no que diz respeito aos três distritos, uma vez que a maioria concorda que a música influencia *o humor e a forma de sentir* deixando para o menos influente *o aspecto visual*. O facto da maioria dos adolescentes concordarem que a música influencia o humor, sugere que a mesma pode servir como suporte emocional mas também que pode provocar uma «desordem emocional». Talvez a idade em que se encontram seja um factor importante para o facto da opinião dos adolescentes ser muito semelhante.

Embora se saiba que alguns adolescentes são influenciados pelos grupos a que são adeptos no que diz respeito ao aspecto visual, adoptando, por exemplo, o vestuário, cristas coloridas, piercings e tatuagens no caso dos punks ou vestidos de negro, com t-shirts das suas bandas favoritas, botas da tropa e cabelos compridos no caso dos metálicos Abreu (2000), os adolescentes desta amostra não acham que a música influencia o aspecto visual.

Relativamente ao género, as raparigas apresentam no item “o teu humor” valores mais elevados comparativamente aos rapazes, ou seja, a música tem mais influência no humor das raparigas do que no humor dos rapazes. Esta conclusão vai de encontro á de Borralho (2002). A literatura demonstra que as raparigas são mais sensíveis nas suas preferências musicais, optando por música mais leve, alegre, romântica ou dançável o que naturalmente poderá abalar ou aumentar a sua disposição.

Em relação à idade, não existem diferenças significativas mas denota-se uma tendência maior por parte dos adolescentes de 14 anos no facto da música influenciar o seu humor. Sendo as raparigas e os adolescentes mais novos os que sentem uma maior influência da música no seu humor, poderá ser associado ao facto de ambos se encontrarem mais vulneráveis ao ritmo e letras das músicas e mais instáveis emocionalmente tendo em conta que se encontram no início da adolescência e ainda agora iniciaram esta caminhada do desenvolvimento.

No que diz respeito ao tipo de música que os adolescentes ouvem quando estão tristes e se alguma vez pensaram no suicídio enquanto ouviam música é possível fazer algumas associações com cada um dos distritos. No que respeita ao distrito de Lisboa, os adolescentes mais novos preferem ouvir música calma enquanto os mais velhos preferem música mais alegre podendo ser uma forma de transformar o sentimento de tristeza em alegria. O número

de adolescentes que já pensou em suicídio enquanto ouvia música é maior nos mais velhos e enquanto os de 15 anos pensaram a ouvir músicas de teor mais calmo, os de 16 anos pensaram a ouvir música mais pesada, agressiva e melancólica, citando estilos musicais. Estes resultados vão de encontro á literatura, quanto mais frequentes as ideias de suicídio maior o gosto por música mais pesada, *rock* e *metal*, nomeadamente nos rapazes.

No que respeita aos adolescentes do distrito de Santarém é o distrito onde mais adolescentes têm por hábito ouvir música quando estão tristes. Não havendo grandes diferenças no tipo de música que ouvem, a maioria dos adolescentes já define os estilos musicais como por exemplo o “*Rock*”, o que pode demonstrar um maior conhecimento nos mesmos. O número dos que já pensaram em suicídio enquanto ouviam música é substancialmente maior do que nos restantes distritos e aumenta também a quantidade de vezes que já ocorreu o pensamento. Voltam a ser os mais velhos a pensar mais, mas é curioso que os de 15 anos pensem mais em suicídio enquanto ouvem música mais pesada e os mais velhos se dividam entre vários estilos musicais. De qualquer modo, os adolescentes de 16 anos que mais vezes repetiram o pensamento aconteceu sempre ao som de música pesada e agressiva. Embora não se possa afirmar que existe uma correlação entre a influência da música e a ideação suicida, verifica-se uma maior tendência por parte dos adolescentes de Santarém a pensar em suicídio enquanto estão a ouvir música, tendo em conta que quando o fazem estão maioritariamente a ouvir música pesada. Estes resultados vão de encontro a literatura, que o gosto por estilos mais pesados como o *metal* é tanto maior quanto mais frequente as ideias de suicídio (como já referido anteriormente), e em termos de género, entre os rapazes.

No que respeita aos adolescentes do distrito de Faro estes assemelham-se mais aos de Lisboa no tipo de música que têm por hábito ouvir quando estão tristes, não ouvindo com tanta frequência em comparação com os restantes distritos. Os adolescentes do distrito de Faro ouvem música quando estão tristes para “animar”, “sentir melhor”, “não pensar nos problemas”, etc., talvez para se abstraírem, sentirem-se melhor, afinal, a música pode servir como meio para atingir a boa disposição e divertimento.

Curiosamente, neste distrito são os jovens de 15 anos que pensam mais e mais vezes. Outro facto interessante e diferente dos restantes distritos é que a maioria estava a ouvir tipos de música distintas, sem ser nomeado qualquer género de música pesada ou agressiva como o exemplo do “*metal*” já citado nos anteriores. Parece não haver aqui uma explosão emocional que poderia ser associada ao tipo de música mais pesada, á revolta; ao querer comunicar/transmitir como se sente; um pedido de ajuda escondido por entre um som e uma letra com que se identifica; a busca de uma imortalidade irreal que os adolescentes sabem viver. Talvez para estes adolescentes as músicas mais calmas sejam um refúgio, uma busca de reflexão interior, uma forma de comunicação diferente.

Na hipótese que remete para a existência de diferenças significativas na ideação suicida no que respeita ao sexo, podemos afirmar que as raparigas têm mais pensamentos suicidas que os rapazes. Estes resultados vão de encontro a outros que foram encontrados na literatura, nomeadamente o de Borralho (2002) e Fensterseifer, Werlang, Semiotti, Lima (2004). As raparigas para além de mais sensíveis exteriorizam com maior facilidade o que sentem, comparativamente ao sexo masculino. Gil (2006) sugere que este facto se possa relacionar com uma maior dificuldade na verbalização de emoções e sentimentos nos indivíduos do sexo masculino.

Quanto á idade, os resultados mostram-nos que não existem diferenças significativas no que respeita á ideação suicida, ou seja, a média da ideação suicida não difere em função das idades. Apesar disso, e como referido anteriormente, parece que os pensamentos suicidas têm tendência a aumentar á medida que aumenta a idade como também se verifica noutros estudos.

Na hipótese referente á existência de diferenças significativas na ideação suicida em função das preferências musicais, não foram encontradas diferenças. Demonstra que não foi encontrada nenhuma relação entre a ideação suicida e alguma das preferências musicais (*pop-rock, punk, rap/hip pop, portuguesa, soul/funk e outros*). Este facto vai contra os estudos realizados nesta temática, porquê? Algumas hipóteses podem ser colocadas para este facto, tal como: a amostra ter sido pequena, tendo em conta que se divide por três distritos e ter sido reduzida na categorização dos estilos musicais. Outra hipótese poderá ter a ver com o facto da amostra abranger apenas adolescentes dos 14 aos 16, quando a literatura nos demonstra que a existência desta relação é mais significativa em adolescentes mais velhos. Também é de realçar que muitos adolescentes citaram o “*pop-rock*” como preferência musical, Oliveira

(2004) concluiu no seu estudo que “quem tem maior ideação suicida tem menor preferência musical por *“pop-rock”*. Contudo, denota-se uma tendência dos adolescentes mais velhos que ouvem música mais pesada como o *metal*, já terem pensado no suicídio mais frequentemente nomeadamente os adolescentes do distrito de Santarém.

Na hipótese que remete para a existência de diferenças significativas na ideação suicida entre os distritos, podemos afirmar que existe entre o distrito de Lisboa e o de Santarém. Podemos também concluir que o distrito de Santarém é o distrito com maior ideação suicida entre os adolescentes. Podemos pensar que este facto se deve entre outros a factores sócio-geográficos. Santarém situa-se mais no interior, onde os recursos são mais escassos e a oferta de apoios é menor nomeadamente a nível psicológico entre outros. São os adolescentes deste distrito que ouvem música com mais frequência quando estão tristes, que ouvem música mais pesada e que têm maior ideação suicida comparativamente com os restantes. Será a música um refúgio para estes adolescentes? Será a música um meio de comunicação da ideação suicida ou a ideação suicida um meio de comunicação que é reflectida na música?

Limitações do estudo

- O tamanho da amostra é pequeno tendo em conta que foi recolhida em três distritos, e reduzida devido á categorização musical dos grupos em estilos musicais, o que provocou uma maior restrição a nível das conclusões.

As conclusões obtidas no que respeita às preferências musicais são sempre restritas por um lado porque os estilos musicais não são fáceis de definir e a maioria dos gostos e preferências musicais revelados pelos adolescentes são transitórios. Sugere-se um estudo com uma amostra de grande dimensão (amostra maior de cada distrito) em que os adolescentes possam classificar o seu estilo musical favorito com exemplos de músicos.

- A categorização ter sido realizada através da FNAC, acaba por restringir a categorização á comercialização o que muitas vezes pode não ser compatível com as opiniões (categorizações) feitas pelos adolescentes. Seria fundamental uma pesquisa mais alargada a nível da categorização das preferências musicais, de modo a espelhar os estilos preferenciais de cada adolescente.

- A amostra ser apenas dos 14 aos 16. Sugere-se alargar a faixa etária até ao final da adolescência.

Considerações finais

A ideação suicida corresponde a um desejo de morrer e uma probabilidade de tentar a morte, as tentativas associam-se ao aumento de comportamentos de risco e ao estar na iminência de morrer. Oliveira (2004) Nem sempre os adolescentes que pensam na morte encontram como ou alguém adequado que os possa compreender de forma atenciosa e afectiva.

Realizar investigações no âmbito do suicídio é contribuir para que outros o sigam, para que se pensem em estratégias de prevenção e de intervenção dirigidas à população em geral e aos adolescentes, nomeadamente a grupos de risco. Criar campanhas de educação com o objectivo de promover o reconhecimento do risco do suicídio, nomeadamente os sinais de alarme e informação acerca de factores de risco.

Este trabalho de investigação não procurou encontrar relações de causa-efeito, nem de todo afirmar que o significado e influência da música ou a audição de um cantor/grupo musical conduzem ao suicídio. Consideramos que o conjunto destas questões associadas a outras do foro pessoal, social e familiar possam deixar o adolescente sensível a pensamentos menos positivos e poder ser visto como um sinal de alarme.

A música é fundamental no crescimento, no desenvolvimento psicossocial e na socialização dos adolescentes, vivem-na com prazer e divertimento, partilham-na com os amigos. Comunicam e integram-se através dela, identificam-se e reflectem com a música. Com a música, podemos voar nos pensamentos e perdermo-nos na imaginação...podemos viver no mundo das emoções.

Esperemos que este e futuros trabalhos possam ajudar a compreender que a ideação suicida é um meio de comunicação (tal como a música) e que nem sempre transparece da forma mais adaptada.

BIBLIOGRAFIA

- Abreu, P. (2000). Práticas e consumos de música: Ilustrações sobre alguns novos contextos da prática cultural. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 56, 123-147.
- AREAL, F. (1996). Factores de risco no suicídio. Comunicação apresentada no VI Congresso Internacional de Psiquiatria S. João de Deus; “Desafios Actuais de Psiquiatria e Saúde Mental” (reimpressão em A. Gameiro (Ed.)), *VI Congresso Internacional de Psiquiatria S. João de Deus* (pp.411-433). Lisboa: Editorial Hospitalidade.
- Barros, C. (2000). *Música e Juventude*. Lisboa: Editora Vulgata
- Baechler, J. (1975). *Les suicides*. Calmann-Levy, Paris.
- Bicho, J. (1998). *Tentativa de suicídio e para-suicídio na adolescência*. Monografia da Licenciatura em Psicologia Clínica. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Borges, V., Werlang, B., Paranhos, M. (2004). *Ideação suicida em adolescentes fora de um contexto clínico*. Actas do 5º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde Organizado por J. Ribeiro e I. Leal. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Borrvalho, C., (2002). *Música, preferências musicais e ideação suicida na adolescência*. Monografia. Lisboa. ISPA
- Braconnier, A. (2002). *Guia da Adolescência – primeiro volume*. Lisboa: Prefácio
- Blos, P. (1962). *On Adolescence*. Nova York: Free Press Glencoe
- Borchgrevink, H. (1986). *O Cérebro por trás do Potencial Terapêutico da Música*. São Paulo: Summus.
- Cassorla, R. (1991). *Do suicídio Estudos brasileiros*. São Paulo: Papirus
- Cotterell, J. (1996). *Social Networks and Social Influences in Adolescence*. Routledge: London an New York

Durkheim, E. (1897). *O suicídio*. Lisboa: Pertença.

Fensterseifer, L., Werlang, B., Semiotti, E., Lima, G. (2004). *Dor psicológica em adolescentes com e sem ideação suicida*. Actas do 5º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde Organizado por J. Ribeiro e I. Leal. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Fleming, M. (2005). *Entre o Medo e o Desejo de Crescer*. Psicologia da Adolescência. Biblioteca das Ciências Sociais. Lisboa: Edições Afrontamento.

Fernandes, A., Esteves, A., Dias, I., Lopes, J., Mendes, M., & Azevedo, N.(1998). *Práticas e aspirações culturais: Os estudantes da cidade do Porto*. Porto: Edições Afrontamento.

Ferreira, J., & Castela, M. (1999). Questionário de Ideação Suicida (Q.I.S.). In Simões, L., Gonçalves, M., & Almeida, L. (1999). *Teste e provas psicológicas em Portugal* (pp. 123-130). Braga: APPORT/SO.

Fonseca, H. (2002). *Compreender os adolescentes*. Lisboa: Presença.

Gil, N. (2006). *Abordagem Psicofarmacológica da Ideação Suicida*. In Comportamentos suicidários em Portugal. Coimbra: Sociedade Portuguesa de Suicidologia.

Koen, B. (2001). The problem of negative emotions. (On-line). Available:www.music-cog.ohio-state.edu/Music829D/Notes/Negative.emotions.html

Laufer, M. (2000). *O adolescente Suicida*. Lisboa: Climepsi Editores

Martin, G., Clarke, M., & Pearce, C. (1993). Adolescent suicide: Music preference as an indicator of vulnerability. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 32 (3), 530-535.

Mayr, A. (1986). *Música, Tempo e Saúde*. São Paulo: Summus.

Menninger, K. (1938). *Man against Himself*. Harcourt Brace. Nova Iorque.

Neto, D. (2002). *Jovens portugueses são alinhados e hedonistas*. Público, 16 de Março, 2-4 (sobre inquérito á juventude portuguesa, “Condutas de risco, práticas culturais e Atitudes perante o Corpo”, coordenado por M.V.Cabral & J.M. Pais, I.C.S. – U.L., 2002).

Nunes, P. (1997). *A música no universo juvenil: Práticas e representações*. Tese de Mestrado em Sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa.

Oliveira, A., (2003). *Ilusões: a melodia e o sentido da vida na idade das emoções*. Tese de Doutoramento. Lisboa. ISCTE

Oliveira, A. (2006). *Desafiar a Própria Morte Para Sentir a Vida. O Contexto (Psico) social do suicídio Adolescente*. In *Comportamentos suicidários em Portugal*. Coimbra: Sociedade Portuguesa de Suicidologia.

Oliveira, A., (2006). *Perscrutando a Harmonia pedida – a Música na Adolescência*, <http://biosofia.net/2006/06/22/perscrutando-a-harmonia-perdida-%E2%80%93-a-musica-na-adolescencia/>

Oliveira, A., (2008). *ILUSÕES: A MELODIA E O SENTIDO DA VIDA NA IDADE DAS EMOÇÕES. Representações sociais da morte, do suicídio e da música na adolescência*. Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Pais, J. (1991). *Formas sociais de transição para a vida adulta: Os jovens através dos seus quotidianos*. Dissertação de Doutoramento apresentada ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.

Robbins, P. (1998). *Adolescent Suicide*. North Carolina: McFarland & Comp.

Ruud, E. (1986). *Música como meio de comunicação: perspectiva a partir da semiótica e da comunicação*. São Paulo: Summus

Sampaio, D. (1986). *Suicídio e para-suicídio*. Manual de Psiquiatria clínica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Sampaio, D. (1991). *Ninguém morre sozinho*. Lisboa: Caminho

Sampaio, D. (1994). *Inventem-se novos Pais*. Lisboa: Caminho

Saraiva, C. (1997). Para-suicídio – contributo para uma compreensão clínica dos comportamentos suicidários recorrentes. *Tese de Doutoramento*. Coimbra: Univ. de Coimbra.

Saraiva, C. (1999). *Para – suicídio*. Coimbra: Quarteto

Shneidman, E.S. (1996). Suicide as psychache. In J.T. Maltzberger, & M. J. Goldblatt (Eds.), *Essential papers on suicide* (pp.632-638). New York: University Press.

Stewart, R. (1996). *Música e psique*. São Paulo: Culturix

Scheel, K. & Westefeld, J. (1999). Heavy metal music and adolescent suicidality: an empirical investigation. *Adolescence*, 34 (134), 253-273

Stack, S. (1998). Heavy Metal, Religiosity and Suicide Acceptability. *Suicide and life – Threatening Behavior*, 28 (4), 388 – 394.

Tomatis, A., Vilain, J. (1986). *O ouvido á Escuta da Música*. São Paulo: Summus

Vicente (2007), *A mensagem subliminar na música (III parte)*, www.radioresgatefm.com/musica_subliminar_musica3.html

ANEXOS

ANEXO A

Caro aluno(a):

Este questionário destina-se a um estudo que estamos a realizar no âmbito da disciplina de seminário de monografia do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA).

O questionário é constituído por um conjunto de questões sobre as quais pedimos que exprimas aquilo que pensas e/ou sentes.

Em todas as questões deverás marcar a tua resposta com uma cruz. Em caso de engano, deverás riscar a resposta errada e marcar com uma cruz a resposta que é para ti a mais correcta. **Não existem respostas certas ou erradas**, o que se pretende é a tua **opinião sincera**.

Agradecemos que respondas a todas as perguntas de forma espontânea e com a rapidez que te for possível.

Este questionário é **anónimo e confidencial**. No final do mesmo, pedimos alguns dados que não te identificam e que se destinam somente a tratamento estatístico.

Desde já, agradecemos a tua participação e disponibilidade.

Gostaríamos que respondesses às afirmações/questões, colocando uma cruz (X) de acordo com a tua opinião

	Nenhuma importância	Pouca importância	Não sei bem	Muita importância	Muitíssima importância
1. Qual a importância da música para ti?					

2. Para mim a música é...

	Discordo totalmente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo totalmente
a) uma forma de comunicação					
b) uma fonte de prazer					
c) uma forma de preencher o vazio					
d) sinónimo de barulho					
e) parte da minha formação e vivência pessoal					
f) uma fonte de inspiração					
g) uma actividade que concilio com outras actividades/tarefas					
h) dispensável no dia-a-dia					
i) uma forma de exprimir as emoções					
j) uma forma de chatear os pais					
k) um meio de afirmação					
l) uma forma de fugir da realidade					

Outro(s):

	Discordo totalmente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo totalmente
m)					
n)					

3. Com que frequência decides ouvir música

	Nunca	Poucas vezes por semana	Algumas vezes por semana	Muitas vezes por semana	Todos os dias

4. Em que locais costumás ouvir música

	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
a) Em casa, no quarto					
b) Em qualquer outra parte da casa					
c) Na casa de amigos (as)					
d) Discotecas					
e) Bares					
f) Concertos					

5. Em que medida consideras que a música influencia...

	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
a) o teu comportamento					
b) a forma de pensar					
c) o teu aspecto visual (roupa, penteado, etc.)					
d) a tua forma de sentir					
e) a tua personalidade					
f) o teu humor					

6. Quantas horas por semana, te dedicas a ouvir música

Menos do que 7 horas (média < 1h/dia)	Entre 7 a 14 horas (média 1-2h/dia)	Entre 15 a 21 horas (média 2-3h/dia)	Entre 22 a 28 horas (média 3-4h/dia)	Mais do que 28 horas (média > 4h/dia)

7. Quando estás triste tens por hábito ouvir musica?

Sim	Não

Porquê?

8. Se sim, quando estás triste que tipo de música ouves?

a) Com que frequência

Quase nunca	Poucas vezes	Metade das vezes	Bastante vezes	Quase sempre

b) Quando estás triste como te sentes depois de ouvires música?

Geralmente mais triste	Às vezes mais triste	É-me indiferente	Às vezes menos triste	Geralmente menos triste

c) Quando estás contente que tipo de música ouves? _____

d) Com que frequência?

Quase nunca	Poucas vezes	Metade das vezes	Bastante vezes	Quase sempre

e) Quando estás contente como te sentes depois de ouvires música?

Geralmente mais contente	Às vezes mais contente	É-me indiferente	Às vezes menos contente	Geralmente menos contente

9. Já alguma vez pensaste em suicídio enquanto ouvias música?

Nunca	Uma vez	Duas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes

10. Se sim, que tipo de música estavas a ouvir?

Seguidamente, pedimos-te para escreveres por ordem de preferência/gosto os 12 grupos e as 5 músicas que mais gostas de ouvir.

Na música, são os seguintes os meus cantores, grupos, autores ou compositores preferidos:

- 1 - _____
- 2- _____
- 3- _____
- 4- _____
- 5- _____
- 6- _____
- 7- _____
- 8- _____
- 9- _____
- 10- _____
- 11- _____
- 12- _____

Na música, são estas as canções, temas ou composições musicais de que mais facilmente me lembro:

- 1- _____
- 2- _____
- 3- _____
- 4- _____
- 5- _____

Seguidamente encontra-se uma lista de 30 itens, peço-te para responderes, assinalando com uma cruz (X), a resposta que melhor expressa o teu sentimento nos últimos 6 meses. Cada item tem 7 possibilidades de resposta.

	Nunca	Quase Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Quase sempre	Sempre
Pensei que seria melhor não estar vivo.							
Pensei suicidar-me.							
Pensei na maneira como me suicidaria.							
Pensei quando me suicidaria.							
Pensei em pessoas a morrerem.							
Pensei na morte.							
Pensei no que escrever num bilhete sobre o suicídio.							
Pensei em escrever um testamento.							
Pensei em dizer às pessoas que planeava suicidar-me.							
Pensei que as pessoas estariam mais felizes se eu não estivesse presente.							
Pensei em como as pessoas se sentiriam se me suicidasse.							
Desejei estar morto(a).							
Pensei em como seria fácil acabar com tudo.							
Pensei que suicidar-me resolveria os meus problemas.							
Pensei que os outros ficariam melhor se eu estivesse morto(a).							
Desejei ter coragem para me matar.							
Desejei nunca ter nascido.							
Pensei que se tivesse oportunidade me suicidaria.							
Pensei na maneira como as pessoas se suicidam.							
Pensei em matar-me mas não o faria.							
Pensei em ter um acidente grave.							
Pense que a vida não valia a pena.							
Pensei que a minha vida era muito miserável para continuar.							
Pensei que a única maneira de repararem em mim era matar-me.							
Pensei que se me matasse as pessoas se aperceberiam que teria valido a pena preocuparem-se comigo.							
Pensei que ninguém se importava se eu estivesse vivo(a) ou morto(a).							
Pensei em magoar-me mas não suicidar-me.							
Perguntei-me se teria coragem para me matar.							
Pensei que se as coisas não melhorassem eu matar-me-ia.							
Desejei ter o direito de me matar							

Idade: _____

Sexo: Masculino ___ Feminino ___

Ano Lectivo: 9º ano ___ 10º ano ___ 11ºano ___

Escola: _____

Área: _____

AGRADECEMOS MUITO A TUA COLABORAÇÃO

Se o problema do suicídio te preocupa seriamente e se tiveres vontade de falar sobre isso, podes contactar:
Núcleo de Estudos do Suicídio -- Serviço de Psiquiatria (Piso 4) do Hospital de Santa Maria. Av. Egas Moniz;
1600 Lisboa. Telefone: 21 780 51 37

ANEXO B

Classificação dos músicos¹ em Estilos Musicais (segundo Critério Fnac)

Estilos Musicais	Grupos/Cantores/ Compositores	n	%	Outras Classificações
POP ROCK N= 56 28,3%	Avril Lavigne	1	0,5	
	Back street Boys	1	0,5	
	Blue	2	1,0	
	Bob Dylan	1	0,5	
	Bryan Adams	1	0,5	
	Britney Spears	3	1,5	
	Carlos Santana	2	1,0	
	Damien Rice	1	0,5	
	Daniel Powter	1	0,5	
	Jack Johnson	3	1,5	
	James	1	0,5	
	James Blunt	1	0,5	
	Jesse Maccartney	1	0,5	
	John Mayer	1	0,5	
	Justin Timberlake	2	1,0	
	Kelly Clarkson	1	0,5	
	Maroon 5	2	1,0	
	Melanie C	1	0,5	
	Nelly Furtado	7	3,6	
	Nick Lachey	1	0,5	
	Nickleback	1	0,5	
	Pink Floyd	1	0,5	
	Red Hot Chilli Peappers	10	5,1	
Scissors Sisters	1	0,5		
Shakira	1	0,5		
The Coors	1	0,5		
The Rasmus	1	0,5		
Tokio Hotel	2	1,0		
U2	4	2,1		
Hard Rock N=2 1,0%	Guns 'n Roses	2	1,0	
Soul/ Funk N=13 6,6%	Akon	1	0,5	
	Beyoncé	5	2,6	
	Jamiroquai	1	0,5	
	Jojo	1	0,5	
	Mariah Carey	1	0,5	
	Pussy Cat Dolls	2	1,0	
	Rihanna	2	1,0	

Punk Rock N=30 15,3%	Evanescence	3	1,5	
	Green Day	5	2,6	
	Korn	1	0,5	
	My Chemical Romance	2	1,0	
	Panic at the disco	6	3,1	
	Papa Roach	1	0,5	
	Sum 41	3	1,5	
	Linkin Park	9	4,6	
Punk N=9 4,6%	Blink 182	1	0,5	
	Millencolin	1	0,5	
	Sublime	1	0,5	
	System of a down	5	2,6	
	Fort minor	1	0,5	
Rap / Hip Hop N=29 14,7%	50 cent	2	1,0	
	Black eyed peas	2	1,0	
	Boss AC	1	0,5	
	Da Weasel	12	6,2	
	Expensive Soul	2	1,0	
	Poetas de Karaoke	1	0,5	
	Sam the kid	3	1,5	
	Sean Paul	1	0,5	
	Valete	1	0,5	
	G-UNIT	1	0,5	
	Eminem	3	1,5	
Reggae N=3 1,5%	Bob Marley	1	0,5	
	Damien Marley	1	0,5	
	Shaggy	1	0,5	
Musica Portuguesa N=16 8,0%	4 Taste	2	1,0	
	Anjos	1	0,5	
	Blasted Mechanism	1	0,5	
	Buraka Som Sistema	1	0,5	
	Duarte Rosado	2	1,0	
	Fingertips	2	1,0	
	Iris	1	0,5	
	João Ferreira Rosa	1	0,5	
	João Pedro Pais	2	1,0	
	Ornatos Violeta	1	0,5	
	The Gift	1	0,5	
	Xutos e Pontapés	1	0,5	
Classica N=1 0,5%	Vivaldi	1	0,5	
Industrial/Gótico N=1 0,5%	Tool	1	0,5	
Metal / Fusão N=3 1,5%	Nightwish	1	0,5	
	Within Temptation	1	0,5	
	Moonspell	1	0,5	
Aternativa N=1 0,5%	Siguerós	1	0,5	
Brasileira N=3 1,5%	Ivete Sangalo	2	1,0	
	Roupa nova	1	0,5	
Africana N=7 3,5%	Hélder (rei do kuduro)	1	0,5	
	Irmãos verdade	3	1,5	
	Kisomba	2	1,0	
	Phillipe Monteiro	1	0,5	
BSO N=2 1,0%	High School Musical	2	1,0	
Outros N=16 8,0%	Adema	1	0,5	
	Bill Klaulitz	1	0,5	
	Bob Sinclar	2	1,0	
	Diego Torres	1	0,5	

	Dj's	1	0,5	
	Hawthorne Heights	1	0,5	
	Jason Mraz	1	0,5	
	Kalinadas	1	0,5	
	Koysbo	1	0,5	
	Mcfly	3	1,5	
	Nobuo-uematro	1	0,5	
	Radio Orbital	1	0,5	
	Serj Tankian	1	0,5	
N=192				

¹ Cantores, grupos e compositores referidos como primeiros favoritos

ANEXO C

Output 1: Existem diferenças significativas na perg.1 em função do sexo e idade?

Anova twoway

V. Dependente: Pergunta 1

v. Independentes: Sexo e Idade

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: Pergunta 1

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Corrected Model	9,379(a)	5	1,876	3,734	,003
Intercept	1527,487	1	1527,487	3040,732	,000
Sexo	5,179	1	5,179	10,310	,002
Idade	2,772	2	1,386	2,759	,066
Sexo * Idade	2,861	2	1,430	2,848	,060
Error	94,440	188	,502		
Total	2235,000	194			
Corrected Total	103,820	193			

a R Squared = ,090 (Adjusted R Squared = ,066)

Descriptives

Pergunta 1

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	Minimum	Maximum
Masculino	83	3,14	,813	,089	1	4
Feminino	111	3,44	,642	,061	1	4
Total	194	3,31	,733	,053	1	4

Descriptives

Pergunta 1

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	Minimum	Maximum
14	32	3,13	,793	,140	1	4
15	85	3,40	,710	,077	1	4
16	77	3,30	,727	,083	1	4
Total	194	3,31	,733	,053	1	4

Output 2: Existem diferenças significativas da perg.1 em função do distrito?

Anova oneway

v.dependente: pergunta 1

v.independente: distrito

ANOVA

Pergunta 1

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	1,451	2	,725	1,353	,261
Within Groups	102,369	191	,536		
Total	103,820	193			

Descriptives

Pergunta 1

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	Minimum	Maximum
Algarve	66	3,20	,728	,090	1	4
Lisboa	68	3,40	,756	,092	1	4
Santarem	60	3,35	,709	,092	1	4
Total	194	3,31	,733	,053	1	4

Output 3: Correlações entre a ideação suicida e os itens da pergunta 2

Correlations

			Ideação_Suicida
Spearman's rho	P2a	Correlation Coefficient	,011
		Sig. (2-tailed)	,882
	P2b	Correlation Coefficient	-,002
		Sig. (2-tailed)	,982
	P2c	Correlation Coefficient	-,015
		Sig. (2-tailed)	,839
	P2d	Correlation Coefficient	-,125
		Sig. (2-tailed)	,097
	P2e	Correlation Coefficient	,106
		Sig. (2-tailed)	,162
	P2f	Correlation Coefficient	,047
		Sig. (2-tailed)	,531
		N	177

P2g	Correlation Coefficient	,035
	Sig. (2-tailed)	,640
	N	177
P2h	Correlation Coefficient	,078
	Sig. (2-tailed)	,299
	N	178
P2i	Correlation Coefficient	,086
	Sig. (2-tailed)	,253
	N	179
P2j	Correlation Coefficient	-,002
	Sig. (2-tailed)	,979
	N	179
P2k	Correlation Coefficient	-,065
	Sig. (2-tailed)	,390
	N	179
P2l	Correlation Coefficient	,068
	Sig. (2-tailed)	,365
	N	178
Ideação_Suicida	Correlation Coefficient	1,000
	Sig. (2-tailed)	.
	N	180

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Output 4: Existem diferenças significativas da pergunta 5 em função do sexo e da idade?
MANOVA

Multivariate Tests(c)

Effect		Value	F	Hypothesis df	Error df	Sig.
Intercept	Pillai's Trace	,881	224,940(a)	6,000	182,000	,000
	Wilks' Lambda	,119	224,940(a)	6,000	182,000	,000
	Hotelling's Trace	7,416	224,940(a)	6,000	182,000	,000
	Roy's Largest Root	7,416	224,940(a)	6,000	182,000	,000
Sexo	Pillai's Trace	,090	3,013(a)	6,000	182,000	,008
	Wilks' Lambda	,910	3,013(a)	6,000	182,000	,008
	Hotelling's Trace	,099	3,013(a)	6,000	182,000	,008
	Roy's Largest Root	,099	3,013(a)	6,000	182,000	,008
Idade	Pillai's Trace	,078	1,243	12,000	366,000	,252
	Wilks' Lambda	,922	1,259(a)	12,000	364,000	,241
	Hotelling's Trace	,085	1,276	12,000	362,000	,231
	Roy's Largest Root	,082	2,511(b)	6,000	183,000	,023
Sexo * Idade	Pillai's Trace	,067	1,051	12,000	366,000	,401
	Wilks' Lambda	,934	1,051(a)	12,000	364,000	,401
	Hotelling's Trace	,070	1,051	12,000	362,000	,402
	Roy's Largest Root	,054	1,646(b)	6,000	183,000	,137

a Exact statistic

b The statistic is an upper bound on F that yields a lower bound on the significance level.

c Design: Intercept+Sexo+Idade+Sexo * Idade

Tests of Between-Subjects Effects

Source	Dependent Variable	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Corrected Model	P5a	7,839(a)	5	1,568	1,293	,269
	P5b	5,757(b)	5	1,151	1,155	,333
	P5c	12,483(c)	5	2,497	1,856	,104
	P5d	8,946(d)	5	1,789	1,599	,162
	P5e	12,699(e)	5	2,540	1,817	,111
	P5f	24,482(f)	5	4,896	4,352	,001
Intercept	P5a	520,259	1	520,259	428,956	,000
	P5b	794,010	1	794,010	796,530	,000
	P5c	223,273	1	223,273	165,995	,000
	P5d	900,637	1	900,637	805,067	,000
	P5e	520,202	1	520,202	372,253	,000
	P5f	1050,955	1	1050,955	934,076	,000
Sexo	P5a	,107	1	,107	,088	,766
	P5b	,085	1	,085	,085	,771
	P5c	4,124	1	4,124	3,066	,082
	P5d	2,926	1	2,926	2,616	,107
	P5e	1,334	1	1,334	,954	,330
	P5f	6,982	1	6,982	6,206	,014
Idade	P5a	1,371	2	,685	,565	,569
	P5b	1,805	2	,902	,905	,406
	P5c	1,048	2	,524	,390	,678
	P5d	,390	2	,195	,174	,840
	P5e	1,223	2	,612	,438	,646
	P5f	6,799	2	3,399	3,021	,051
Sexo * Idade	P5a	7,037	2	3,519	2,901	,057
	P5b	3,670	2	1,835	1,841	,162
	P5c	8,434	2	4,217	3,135	,046
	P5d	5,410	2	2,705	2,418	,092
	P5e	8,665	2	4,333	3,100	,047
	P5f	5,985	2	2,993	2,660	,073
Error	P5a	226,803	187	1,213		
	P5b	186,408	187	,997		
	P5c	251,527	187	1,345		
	P5d	209,199	187	1,119		
	P5e	261,322	187	1,397		
	P5f	210,399	187	1,125		
Total	P5a	895,000	193			
	P5b	1209,000	193			
	P5c	531,000	193			
	P5d	1447,000	193			
	P5e	927,000	193			
	P5f	1572,000	193			
Corrected Total	P5a	234,642	192			
	P5b	192,166	192			
	P5c	264,010	192			
	P5d	218,145	192			
	P5e	274,021	192			
	P5f	234,881	192			

- a R Squared = ,033 (Adjusted R Squared = ,008)
 b R Squared = ,030 (Adjusted R Squared = ,004)
 c R Squared = ,047 (Adjusted R Squared = ,022)
 d R Squared = ,041 (Adjusted R Squared = ,015)
 e R Squared = ,046 (Adjusted R Squared = ,021)
 f R Squared = ,104 (Adjusted R Squared = ,080)

Output 5: Existem diferenças significativas da pergunta 5 em função do distrito?

Anova Oneway

v. dependente: pergunta 5

v. independente: distrito

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
P5a	Between Groups	5,868	2	2,934	2,462	,088
	Within Groups	228,819	192	1,192		
	Total	234,687	194			
P5b	Between Groups	1,378	2	,689	,693	,502
	Within Groups	190,961	192	,995		
	Total	192,338	194			
P5c	Between Groups	,789	2	,394	,286	,752
	Within Groups	264,627	192	1,378		
	Total	265,415	194			
P5d	Between Groups	,856	2	,428	,374	,688
	Within Groups	217,289	190	1,144		
	Total	218,145	192			
P5e	Between Groups	4,159	2	2,079	1,472	,232
	Within Groups	271,257	192	1,413		
	Total	275,415	194			
P5f	Between Groups	2,883	2	1,442	1,192	,306
	Within Groups	232,266	192	1,210		
	Total	235,149	194			

Descriptives

		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	Minimum	Maximum
P5a	Algarve	66	1,64	1,090	,134	0	4
	Lisboa	68	1,87	,976	,118	0	4
	Santarem	61	2,07	1,209	,155	0	4
	Total	195	1,85	1,100	,079	0	4
P5b	Algarve	66	2,39	1,006	,124	0	4
	Lisboa	68	2,19	,918	,111	0	4
	Santarem	61	2,30	1,070	,137	0	4
	Total	195	2,29	,996	,071	0	4
P5c	Algarve	66	1,26	1,114	,137	0	4
	Lisboa	68	1,13	1,158	,140	0	4
	Santarem	61	1,11	1,253	,160	0	4

P5d	Total	195	1,17	1,170	,084	0	4
	Algarve	66	2,56	1,040	,128	0	4
	Lisboa	67	2,43	1,018	,124	0	4
	Santarem	60	2,58	1,154	,149	0	4
P5e	Total	193	2,52	1,066	,077	0	4
	Algarve	66	2,03	1,136	,140	0	4
	Lisboa	68	1,76	1,161	,141	0	4
	Santarem	61	1,69	1,272	,163	0	4
P5f	Total	195	1,83	1,191	,085	0	4
	Algarve	66	2,47	1,231	,151	0	4
	Lisboa	68	2,69	,902	,109	0	4
	Santarem	61	2,75	1,150	,147	0	4
	Total	195	2,64	1,101	,079	0	4

Hipótese 1

Output 6: Existem diferenças significativas da Ideação suicida em função do sexo e idade?

Anova twoway

v.dependente: Ideação suicida

v.independente: sexo e idade

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: QIStotal

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Corrected Model	6018,673(a)	5	1203,735	1,906	,096
Intercept	31541,273	1	31541,273	49,934	,000
Sexo	4594,704	1	4594,704	7,274	,008
Idade	1003,115	2	501,558	,794	,454
Sexo * Idade	72,764	2	36,382	,058	,944
Error	109909,527	174	631,664		
Total	165330,000	180			
Corrected Total	115928,200	179			

a R Squared = ,052 (Adjusted R Squared = ,025)

Output 7: Existem diferenças significativas da ideação suicida em função das preferências musicais?

Descriptives

Ideação_Suicida

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	Minimum	Maximum
Pop-Rock	59	,5638	,71987	,09372	,00	3,37
Punk	34	,6382	1,02580	,17592	,00	4,20
Rap\Hip-Hop	25	,5173	1,22028	,24406	,00	6,00
Portuguesa	16	,6396	,97070	,24267	,00	3,63
Outros	13	,5128	,59668	,16549	,00	1,67
Soul\Funk	10	,3667	,21082	,06667	,00	,63
Total	157	,5635	,87736	,07002	,00	6,00

Pressuposto Normalidade

Tests of Normality

		Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
Estilo_Musical		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Ideação_Suicida	Pop-Rock	,235	59	,000	,736	59	,000
	Punk	,267	34	,000	,641	34	,000
	Rap\Hip-Hop	,336	25	,000	,445	25	,000
	Portuguesa	,285	16	,001	,685	16	,000
	Outros	,315	13	,001	,800	13	,007
	Soul\Funk	,237	10	,117	,893	10	,185

a Lilliefors Significance Correction

Test Statistics(a,b)

	Ideação_Suicida
Chi-Square	3,696
df	5
Asymp. Sig.	,594

a Kruskal Wallis Test

Output 8: Existem diferenças significativas da ideação suicida em função do distrito?

Anova Oneway

v.dependente: Ideação suicida

v.independente: Distrito

Descriptives

Ideação_Suicida

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	Minimum	Maximum
Algarve	59	,5565	,66116	,08608	,00	3,37
Lisboa	64	,3411	,47416	,05927	,00	2,57
Santarem	57	,7848	1,22004	,16160	,00	6,00
Total	180	,5522	,84829	,06323	,00	6,00

ANOVA

Ideação_Suicida

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	5,936	2	2,968	4,275	,015
Within Groups	122,873	177	,694		
Total	128,809	179			

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Ideação_Suicida

Tukey HSD

(I) Distrito	(J) Distrito	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Algarve	Lisboa	,21535	,15038	,327	-,1401	,5708
	Santarem	-,22830	,15474	,305	-,5940	,1374
Lisboa	Algarve	-,21535	,15038	,327	-,5708	,1401
	Santarem	-,44365(*)	,15174	,011	-,8023	-,0850
Santarem	Algarve	,22830	,15474	,305	-,1374	,5940
	Lisboa	,44365(*)	,15174	,011	,0850	,8023

* The mean difference is significant at the .05 level.